

# HUMANOS, EM DEMASIA...

(Uma dúzia de histórias de  
gente diferente)

## **Eu sou assim...**

*Quem quiser gostar de mim, eu sou assim.* Ouvi isso no radio outro dia. Gostei. Parece comigo. Aliás, sempre gostei de música, queria até ter aprendido quando criança, mas minha família morava longe de tudo e minha mãe não tinha e acho que ainda não tem dinheiro para pagar um professor para me ensinar. Mas quando pego a batucar nas carteiras da escola, nas panelas lá de casa, ou em qualquer lata velha, ninguém me segura. Quando acho na rua um objeto que produz som, como latas, caixotes, garrafas e até um penico, como aconteceu outro dia, não resisto em testar para ver o som que tem.

Antes que me esqueça, meu nome é William, com dois “l”, coisa da minha mãe, diz ela que é nome inglês. Um dia descobri que este nome tem tudo a ver comigo, mas só depois vou contar. É surpresa.

A escola? Gosto de ir lá, mas acho que já aprendi tudo que podia, sou muito distraído. As tias gostam de mim, mas vejo que me elas tratam de forma diferente dos outros alunos. Ficam me paparicando e às vezes me tratam como se eu fosse uma criancinha. E eu já tenho 15 anos! Mas já aprendi a ler e escrever, de um jeito que até acho que dá para o gasto. Fiquei bamba em fazer bilhetes e historinhas engraçadas, que boto para circular na classe, fazendo a turma morrer de rir. Sei escrever até bem, eu acho, mas ainda não aprendi a diferença entre *sessão*, *seção* e outra palavra parecida, que agora eu esqueci, mas me disseram que é difícil mesmo, pouca gente sabe.

Será que não dá para levar a vida normal assim? Acho que dá, normal mesmo.

Pois é, eu sou assim. Como é isso? Sei lá, não sei explicar direito. Mas quando vejo os outros garotos como eu – e isso eu sei desde criança – vejo que eles são diferentes de mim. Ou eu é que sou diferente deles, quem sabe. Eles têm outras brincadeiras, sempre entre eles mesmos, parece que não gostam muito dos adultos, a não ser para pedir dinheiro. Eu sou o contrário, me sinto melhor perto de minha mãe, dos meus tios e das amigas dela, tudo adulto. Não falo de meu pai porque pouco sei dele. Ele vem me ver de vez em quando e quase não conversa comigo. Acho ele estranho. Eu nunca peço dinheiro para ele e nem para ninguém, a não ser para minha mãe, e mesmo assim é pouco. Vejo que minha mãe gosta disso, pois sempre me elogia.

Mas é realmente com os adultos que me dou melhor. Eles também me tratam bem, ao contrário das pessoas da minha idade que vivem fazendo hora com a minha cara e inventam pra cima de mim um tanto de brincadeiras sem graça. Contam umas piadinhas sobre meu jeito de andar, sobre meu rosto, meu nariz, minhas orelhas, sobre as coisas que eu digo, não sei que graça acham nisso. Mesmo quando curtem os bilhetinhos que eu fico passando nas aulas, desconfio que alguns ficam fazendo zoeira com a minha letra e as coisas que escrevo. Acho que não é porque gostam, de mim ou dos bilhetes, é apenas para zoar de mim. Eles são assim. Malvados.

Outro dia um desses garotos me perguntou se eu já nasci desse jeito. Não entendi a pergunta e ele só riu e me deu as costas. Deve ser da minha cara que ele falava. Quando me olho no espelho, pra falar a verdade, também me acho meio estranho. Se não, com quase 15 anos, minha cara parece ainda como a de uma criança. Sei lá como explicar: uma cara pequena para o tamanho de minha cabeça, com uns dentes meio tortos, nariz levantado pra cima, meio zanolho. Um desses chatos da escola me disse outro dia que meu nariz parece estar sempre cheirando peido. Sei lá o que é isso.

Sou pequeno também, aliás, o menor de toda a turma. Com a idade que tenho, só agora estou chegando a um metro e meio. Mamãe diz que eu ainda vou crescer. Mas não acredito. Ela é quase alta, meu pai também. Quando pergunto para ela quanto ela mede, nem me responde, apenas me pergunta porque isso me preocupa. Pois é, me preocupa mesmo. Parece que vou ficar pequenino o resto da vida. Mas eu queria ser grande, para ver se pelo menos os garotos da escola me respeitavam mais.

Tenho amigos, sim. Poucos, mas muito legais. Como já falei, prefiro ter adultos por perto, mas tem a Aninha, que é da minha sala na escola, que faz parte, como eu, da turma dos *diferentes*. Ela é baixinha que nem eu, meio gordinha, tem os olhos puxados. Botaram o apelido nela de *Japa*, *Japinha*, coisa daqueles que também me perseguem. Mas ela não liga. Está sempre sorrindo pra todos, é boa para fazer amizades, não é como eu que às vezes fico zangado, principalmente quando

abusam. Gosto de conversar com ela, embora não entenda muito bem o que ela diz, com sua língua presa. Mas sempre passamos o recreio juntos, dividimos nosso lanchinho e eu fico no lucro, porque o dela é sempre melhor que o meu. Quase todo dia tem presunto, requeijão, morangos. Bom demais. Ela está sempre de boa, mas se irrita quando acham que é sua avó, e não sua mãe, que vem trazer ela todo dia na escola. Bobagem se incomodar com isso, eu digo para ela, mas ela sempre fica nervosa e triste.

Não é que eu não goste de crianças e adolescentes como eu. O problema, eu já disse, é que me tratam mal, fazem piadinhas comigo. Menos esta Aninha, claro. Os adultos me tratam melhor, bem melhor. Desde que me entendo por gente é assim. Minhas tias e primas mais velhas, e os amigos e amigas de minha mãe, sempre me rodearam, pedindo para contar alguma de minhas histórias, tirar um som em algum pandeiro ou tamborim. Gosto muito de música e decoro rápido as melodias, mesmo aquelas que têm uma letra enorme, *Faroeste Caboclo*, por exemplo. Sou fã de Renato Russo, quando vejo as fotos dele acho que até pareço um pouco com ele. Pena que já morreu.

As pessoas amigas sempre me pedem também para fazer caras engraçadas e imitações, de gente, de bichos, de personagens da televisão. Eles se divertem e eu também. Uma tia minha falou que eu até podia ser ator. Quem sabe?

Outra facilidade que eu tenho é encontrar rimas para as palavras. Qualquer uma. É só a pessoa me dizer que eu acho logo, às vezes até umas coisas meio malucas. Outro dia minha prima pediu que eu encontrasse uma rima para Tijuca, para onde ela ia viajar, e eu falei *açúcar*. No começo riram, mas depois acharam que tinha tudo a ver. Para *romântico* encontrei *atlântico*, mas fiquei com inveja de Caetano Veloso quando vi que ele rimou esta mesma palavra com *anti-com (putador)*. Isso é que é saber fazer rimas! Mas eu chego lá!

Acho que sou assim desde menininho. Essa coisa de chegar nas rodas de adultos e logo ir puxando conversa e fazendo graça é comigo mesmo; às vezes acho que já nasci assim. Quando conto certas histórias para minha mãe, ela às vezes diz que não é possível eu me lembrar de coisas que aconteceram quando eu não tinha nem três anos de idade, mas eu sei que é verdade, apenas me lembro, não sei como, mas me lembro. Talvez isso venha de eu pedir muito a minha mãe para falar de coisas de quando eu era criancinha. Ela sempre me atende. Diz que eu custei pra andar, pra falar, parar de fazer xixi na cama e nas roupas. Com sete ou oito anos sempre acordava molhado, mas depois melhorei. Falava tudo errado até esta época e acho que ainda falo algumas coisas esquisitas até hoje, trocando as letras de lugar, mas às vezes faço isso de propósito, para me divertir e aos outros. E assim saem coisas como *Bezolironte, paraxodo, embaixanha da espada, paulo de são folha,*

*otondologia*, esfizocrênico, *merexica*, *acatadão* e outras mais. E todo mundo morre de rir. Eu me divirto com isso.

Só nunca consegui aprender a andar de bicicleta... Ah, e detesto barulhos também. Lá em casa já pedi à mamãe para vender ou dar para os outros aquele liquidificador velho que temos. Aspirador de pó – Deus me livre – nem pensar! A furadeira de meu vizinho de apartamento, que ele liga todo dia, nem sei para quê, faz uma zoeira danada e também me incomoda muito.

Acho que sou muito curioso. Há tempos que tenho o maior gosto pela meteorologia. Minha mãe diz que desde pequeno eu era ligado na previsão do tempo, quando via aquela moça na TV falando sobre isso. E até me arriscava a fazer as minhas previsões também, sempre usando o palavreado que ouvia na TV, tipo *amanhã chuvas esparsas formação de nuvens temperatura estável ciclone tropical inversão térmica El Niño* – essas coisas que eles sempre falam. Dona Sônia, minha professora de Estudos Sociais conseguiu uma visita para mim no Centro de Previsão do Tempo aqui da cidade e já fiz boas amizades ali. Tem um cara lá, o Elisio, que é gente boa demais, que me disse ter nascido para meteorologista, pois o seu nome é um nome de vento. Ele me dá a maior atenção e às vezes me manda mensagens falando sobre mudanças do tempo que estão para acontecer e até me perguntando minha opinião sobre isso. Ele é muito legal, ficamos amigos de verdade!

É isso aí: vou à internet todo dia para saber se vai chover, qual é a velocidade do vento, a umidade do ar, onde está seco ou úmido, o movimento das massas de ar, máximas e mínimas. Acho sensacionais aqueles mapas do Brasil e do mundo com as massas coloridas de ar e de nuvens se movimentando pra lá e pra cá. Se um dia eu for fazer faculdade vai ser para meteorologista, não para o teatro, que para mim é só brincadeira. Mas meteorologia, que para farrear eu chamo de *meroteologia* é uma coisa bacana. Eu até acho que tenho uma intuição para isso. Às vezes acho que vai chover e acontece de verdade. E eu, por via das dúvidas, nessas ocasiões sempre carrego um guarda-chuva comigo.

Falar em guarda-chuva, outro dia eu estava com o meu no banco da praça aqui perto de casa e uma mulher puxou conversa comigo. Era uma moça, da idade das minhas primas, não uma mulher mais velha. Queria saber porque eu estava de guarda-chuva se fazia sol. Minha mãe sempre fala para eu não conversar com estranhos, mas ela tinha a cara tão boa e um jeito sorridente e tão camarada que resolvi bater um papo com ela. Expliquei o porquê do guarda-chuva e ela parece que gostou da minha explicação, tanto que danou de me fazer perguntas. Quis saber da minha família, da escola, dos meus amigos, se eu tinha irmãos, do que eu gostava e não gostava. Falamos de música, de batucada, de previsão do tempo, de minha amiga Aninha, dos chatos dos meus colegas e outras coisas da minha vida. Ela me falou que era

psicóloga – *psilócoga*, eu logo brinquei com ela, que riu muito – e me disse que estudava pessoas assim *diferentes* que nem eu. Ela não usou esta palavra, mas sim outra, que não me lembro mais, mas que no fundo queria dizer a mesma coisa. Me falou que era muito interessada neste assunto porque ela também se sentia uma pessoa diferente – e logo me mostrou suas mãos com seis dedos cada uma. Já gostei dela de cara, ainda mais depois de ver tal curiosidade. Perguntou se podíamos encontrar mais vezes e que, se fosse o caso, ela iria falar com minha mãe também, para tranquilizá-la. Falei que sim, eu estava adorando aquilo.

Falando sério, depois dessa conversa com Ana Maria, que é o nome dela, acho até que tenho facilidade de me entender com pessoas com este nome, é que resolvi escrever essas coisas aqui. Ela me fez achar que isso tem importância, pelo menos me ouviu com uma atenção tão grande que eu me senti prestigiado de verdade. Ela até está fazendo a revisão das páginas escritas que eu levo para ela, porque passamos a nos encontrar uma vez por semana. Minha nova amiga já foi lá em casa e minha mãe gostou muito dela.

Ana Maria me falou que eu tenho um troço chamado *Síndrome de Williams*, mas eu não entendi bem como funciona. Parece que isso torna uma pessoa diferente, como eu, no tipo de corpo e na mentalidade. Me explicou que eu sou diferente, de fato, mas não sou anormal, que posso aprender muitas coisas e ser uma pessoa muito útil para os outros, que tenho até facilidades que outras pessoas não têm, na memória, na busca de rimas ou na facilidade para música, por exemplo, e que isso faz de mim não apenas uma pessoa não só *diferente*, como também *especial*. Disse que eu posso fazer faculdade e até me especializar em qualquer coisa que eu desejar, em *meroteologia* – hehehe – por exemplo.

Faz tempo que não falo com a outra Ana de minha vida – a Aninha – que também tem alguma síndrome assim especial, como me explicou Ana Maria. Preciso contar para ela que nós não somos menos importantes que os outros, que acham que são “normais”. Ser *diferente*, como aprendi com esta minha nova amiga, significa também ser uma pessoa bacana e interessante, e quando temos por perto pessoas que gostam, curtem e compreendem a gente, isso é uma coisa muito boa, que faz a diferença num mundo que seria muito chato se só tivesse gente daquele tipo “normal”, que vive zoando dos outros que não são iguaizinhos a ela.

Cada um é cada um, da sua maneira, do jeito que sabe ser e gosta. É o que eu acho.

\*\*\*

**O Jardineiro**

O jardineiro desta história não sou eu. Sou livreiro, dono de uma pequena livraria, quase falida. Como as vendas andam poucas e os credores numerosos, gasto meu tempo em leituras e às vezes também em andanças pelas imediações, atrás de novidades interessantes e pegando conversas aqui e ali. É que de tanto ler e trabalhar com livros, fico caçando histórias e às vezes me dá vontade de escrever também, como faço agora. Dias atrás, andando aqui pelo pedaço, escutei conversas que me deixaram curioso. Os frentistas do posto de gasolina e a velhinha de aventalzinho xadrez pareciam bem preocupados com um meio mendigo, morador de rua esfarrapado e sujo, que aparecera por aqui. O cujo insistia em medir, sinalizar e escavacar o gramado defronte ao condomínio de apartamentos do outro lado da rua.

Gente assim normalizada talvez até tenha razão em não entender o que via. Mas mesmo para mim, que gosto de ler e estou acostumado com tipos estranhos, nos livros pelo menos, achei aquelas conversas bem curiosas, ao tratarem de um tipo tão estranho. Vejam só...

\*\*\*

- *Viu só a pinta do cara que agora faz ponto ali no gramado?*
- *Não tinha visto ainda. Fala daquele deitado na sombra do jamelão?*
- *Sim, aquele mesmo, sujo e mal arrumado como ele só – e fedido...*
- *Cruzes! De onde será que aparecem umas figuras assim? Será que caem de algum caminhão de lixo?*
- *Faz duas semanas que está aí. Não tem cara de fazer mal a ninguém. Mas tem um jeito estranho.*
- *É esquisitão mesmo, ainda mais com este cheiro e estas roupas esfarrapadas.*
- *Sei lá o que é isso... O sujeito passa o dia tomando medidas com um bastão e um pedaço de corda. Anda pra lá e pra cá, como se fosse um mestre de obras ou coisa assim. E vai fincando aqui e ali uns pauzinhos.*
- *É cada um que aparece... Lembra daquele que ficou ali mesmo por uns tempos, com uns vinte cachorros ao redor dele? Até chamaram a assistência social. Porque a cachorrada encheu isso aqui de pulgas e até mesmo um vira-lata andou mordendo gente. Depois disso veio até a carrocinha – e fui um fuzuê de primeira.*
- *Espia agora, arranjou uma enxada velha e começou a fazer buracos. Desde ontem começou com isso.*

- *Dá licença, moço... Vai completar o tanque freguês, quer que olhe a frente?*

- *Ok, beleza, até mais!*

\*\*\*

- *Meu filho, inda que mal lhe pergunte: o que você está fazendo aí?*

- ...

- *Não quer responder? Melhor que você me esclareça... Faço parte da administração daqui da quadra e sei que não é permitido gente dormindo debaixo das árvores e ainda mais fazendo buracos na grama. Melhor você explicar para mim antes que...*

- ...

- *Não quer falar nada e ainda vai me dando as costas... Olha que você vai se arrepender!*

- *Jardim. Um jardinzinho só...*

- *Você está querendo dizer que vai fazer um jardim aqui?*

- *Sinhora sim.*

- *Olha meu filho: este gramado faz parte de um projeto paisagístico, entende? E para todos os efeitos é um jardim; já está pronto!*

- *Inhora?*

- *Vou te explicar melhor: não precisa de ninguém vir fazer jardim aqui, entendeu?*

- *Mas precisa...*

- *Precisa o quê meu filho? Você parece não entender bem as coisas.*

\*\*\*

Afinal, como é que podia um indivíduo como aquele, vindo do andar de baixo da sociedade, parar ali para simplesmente cuidar de paisagismo, pensei eu. Ainda mais em uma cidade que é considerada exemplo mundial em tal quesito?

Eu já havia observado o personagem por algumas vezes e depois de ouvir tais conversas resolvi acompanhá-lo mais de perto, como novidade em um cenário de poucos acontecimentos, entre os quais meus

escassos fregueses na livraria. Quem sabe aquele ali não seria portador de algum segredo, que me caberia revelar ou quem sabe descrever, para fazer justiça às minhas pretensões intelectuais, bebidas em Margareth Mead e Agatha Christie, entre outros. Um modo de curiosidade quase antropológico, diria eu. E assim me pus em estado crescente e irrevogável de curiosidade, coisa humana em demasia, *a la* Nietzsche.

Pensei, para início de conversa (ou como ideia guia de uma tese antropológica, sei lá...): o que estaria fazendo ali tal sujeito, que sentimentos ou desejos de fato o moviam, de onde vinha e para onde iria uma vez completada sua obra? Se é que tinha uma “obra” em mente. Ele já se revelara, nas minhas primeiras aproximações, como indivíduo capaz de demoradas e refletidas observações das coisas que o rodeavam, sendo capaz de ficar longos minutos à sombra de uma espirradeira, para finalmente decidir onde fincaria sua próxima estaca. E cada buraco que cavava era medido e definido topograficamente como se fosse passar por ali uma estrada para o infinito. Apenas um homem comum, porém filósofo, na acepção gramsciana? Ou quem sabe dado a considerações graves, como é próprio de deuses e poetas, ou como se cada pedra fosse todo o universo, conforme Fernando Pessoa?

Era o caso de esclarecer aquilo melhor e logo comecei a aproveitar, para fazer investigações, os momentos em que não havia clientes na livraria – coisa bastante frequente, para meu desgosto. Em tais ocasiões, ficava olhando de longe o personagem, o que me exigia muita paciência, porque ele era de fato pouco dado a circunvagões. Um dia eu o peguei na porta da padaria, onde o proprietário bancava um programa informal de distribuição gratuita de pão dormido. Ali pude ver que esperava calma e resignadamente a sua vez, levando uma latinha de goiabada que lhe servia de prato, na qual recolhia seu pedaço de pão, além de alguma broinha ou pão de queijo, ou o que mais houvesse. Saiu de lá carregando um pacote de leite já previamente avariado, deixando pingar o líquido pelo chão, sem se abalar. Rumou então para seu cantinho, na sombra de um jamelão e ali comeu sua porção, mastigando com delicadeza e sem nenhuma pressa, como se aqueles restos amealhados na padaria fossem manjares formidáveis. E de costas para passantes, fazendo do ato de se alimentar um ritual exclusivo e vedado aos demais. Uma vez alimentado voltou ao seu mister: observar, medir, estaquear, observar, fazer buracos, observar, estaquear...

Minha curiosidade dava saltos ao ver os buracos feitos laboriosamente por ele, que me pareceram, em um primeiro momento, ter destino ocioso. Mas não era bem assim, pude perceber em seguida. Ele fazia incursões em terrenos vizinhos, ou mesmo mais remotos, de lá trazendo ramos diversos, que ia fincando na terra solta dos buracos, com precisão e método, pois frequentemente se detinha a observar longamente, cobrindo os olhos dos raios do sol, o alinhamento ou a estética do que acabara de plantar. Sim, porque aquilo tinha todo o jeito de um plantio, embora eu tivesse dúvidas se toda aquela ramagem

colhida a esmo, seria de fato viável para brotar no terreno seco. Para completar, trazia pedras, cacos de tijolos ou pedaços mais grossos de madeira, para delimitar cada uma de suas covas, construindo montinhos desorganizados aqui e ali. Não contente, ainda fincava umas varetas adicionais, às vezes até pedaços de móveis velhos e barras de ferro enferrujadas e quebradas, achadas no lixo, ao que parece tentando criar uma barreira de proteção para suas plantas.

Em um sábado resolvi não abrir a livraria, para segui-lo mais de perto. Por azar, ele não apareceu, nem no jamelão, na espirradeira ou alguma de suas sombras habituais. Na padaria também não estava, mas dei de cara com a senhorinha, com a qual eu tinha presenciado aquela conversa meio ameaçadora uns dias antes. Eu a conhecia superficialmente, talvez de alguma passagem dela pela livraria ou mesmo dali da padaria mesmo, onde eu costumava tomar um café antes de abrir meu boteco livreiro. Resolvi abordá-la, falando do personagem e inquirindo-a sobre sua impressão sobre o mesmo, como se eu também estivesse desconfiado de seu comportamento. Fiz isso para deixar a mulher à vontade, e parece que funcionou, pois ela me despejou uma longa arenga sobre o que considerava como uma invasão da nossa cidade e particularmente de nosso bairro por parte do que denominava de “uma horda de gente desqualificada”, lamentando que o governo ou a polícia não tomassem providências quanto a isso.

Eu nem argumentei. Aliás, não encontrei o que dizer a ela e, além do mais, aquilo não aliviava em nada a minha curiosidade de antropólogo amador, apenas adicionava ingredientes ao cenário de preconceitos e senso comum com qual eu já estava acostumado a conviver, na família, entre alguns dos clientes da livraria e mesmo por parte de alguns amigos menos próximos.

Pensei comigo: quem sabe os frentistas do posto de gasolina teriam alguma informação adicional sobre o misterioso jardineiro? Eu já conhecia a turma dali, por abastecer meu Fusca semanalmente e até por trocar com eles, lá uma vez ou outra, informações sobre futebol e outras banalidades.

\*\*\*

- *Vocês viram o jardineiro do gramado ali de frente por aí hoje?*

- *Jardineiro? Tá falando daquele mendigo que fica por aqui?*

- *Sim ele mesmo.*

- *Eu não vi, doutor. Você viu Severino?*

- *Parece que sumiu por esses dias, às vezes faz isso. Costuma ficar até quatro ou cinco dias fora daqui, mas sempre volta.*

- *O que vocês sabem sobre ele?*
- *Ah quase nada... O cara parece meio misterioso...*
- *Ele já conversou com vocês?*
- *A bem dizer, não. Fala umas coisas que ninguém entende.*
- *Mas mudo ele não é...*
- *Não é mudo não. Eu já vi ele falando com árvore e até com as curicacas que chegam até aqui no final da tarde. E olha que parece que sabe conversar também como gente normal. Como se perguntasse e respondesse, pois de vez em quando fica calado, como se estivesse ouvindo o que outra pessoa diz.*
- *Ele veio aqui no posto alguma vez?*
- *Muito raro... Já veio para usar o banheiro um par de vezes, mas o gerente proibiu de entrar. Disse que pegava mal para a empresa. Mas a gente já viu, de madrugada, ele tomar banho numa mangueira que fica aí à disposição dos motoristas. Esses banhos não adiantam nada, porque ele veste sempre a mesma roupa, encardida e fedorenta que só.*
- *E amigos, visitas... Alguém com jeito disso por aqui?*
- *Gente e suja e esfarrapada como ele não, com certeza. O cara é muito solitário.*
- *Nada mesmo?*
- *Ah, tem a mulher que vem de vez em quando, pela noite.*
- *Contem como é isso!*
- *É tipo madame, vem de carrão, até com motorista. Chama ele, acho que é Alberto o nome, e ele custa a aparecer, parece que tem má vontade com ela, mas acaba vindo. Às vezes o motorista vai atrás e traz ele, na base do convencimento.*
- *Que história hein, conta mais...*
- *Não acontece nada de especial. Ela traz uns pacotes, parece que de comida. Ele come um pouquinho e dá o resto pros pombos. Roupas também, mas isso aí, se ele usa não sabemos. Ou então amarrota, rasga e suja bastante antes de vestir. O bicho é doidão demais, doutor...*

- Legal! Completem o tanque. O troco fica pra vocês!

\*\*\*

Caramba, aquilo era um caso e tanto!

Passados uns dias, ao chegar na livraria, pude vê-lo novamente. Parei bruscamente o Fusca, quase o deixando no meio da rua e me aproximei dele. Andrajoso como sempre, mas com a diferença agora de que usava uma espécie de jaqueta militar, pois o tempo andava frio. Até parecia elegante, não fossem os farrapos sujos por baixo do casaco e aquela gaforinha mal penteada e mal lavada. Saudei-o; não respondeu. Perguntei se gostaria de conversar comigo um pouco. Redarguiu com um muxoxo de indiferença. Quis saber de seu nome e nada me disse. Acompanhei-o até o jamelão, em cuja sombra ele havia guardado alguns ramos recém colhidos e a ferramenta de trabalho, nada mais que uma simples enxadinha. Acompanhei-o, agora em obsequioso silêncio, mas o que ele fez foi afastar-me com as mãos, em gesto impaciente de quem não queria conversa.

- Melhor deixar para outro momento – pensei – não deve estar de boa veneta hoje.

Não houve outro momento. Deixei de vê-lo por ali vários dias até que percebi uma movimentação diferente no seu território de ação. Havia homens uniformizados, com um pequeno trator e ferramentas de mão. Pelo uniforme, vi que eram empregados do condomínio. Boa parte dos montículos com suas pedras, entulhos e gravetos já havia sido aplanada e ajuntada para remoção. As árvores em que ele costumava se abrigar e onde mantinha guardados alguns trapos e utensílios tinham passado por uma poda e limpeza radical do chão em sua sombra. Um dos montículos da remoção mostrava algumas das peças assim recolhidas, com roupas, latas, garrafas, além da enxadinha. Nenhum sinal da pessoa do jardineiro, a não ser por tais despojos recolhidos no terreno.

*Certamente ele voltará* – pensei. Mas isso não ocorreu depois de muitos dias de espreita minha. Os frentistas, indagados, disseram tê-lo visto de relance, andando de um lado para o outro, coçando a cabeça. Depois, sumiu.

O síndico do condomínio foi ágil em sua missão. Demolidos os montículos, mandou podar a grama bem rente e a replantar nos lugares de que tinha sido retirada pela plantação infrutífera. E tudo voltou ao normal de sempre naquele terreno, agora liso e sem imprevistos. Assim como a vida das pessoas em seu entorno.

E ele, o jardineiro persistente e dedicado, por onde andaria? Teria ido procurar outros lugares com pessoas mais receptivas? Ou menos

curiosas? Mudou de cidade por rejeitar aquela gente indiferente, que não soube lhe reconhecer o esforço e as qualidades de paisagista? Teria finalmente se rendido à vida que a mulher bem vestida talvez lhe permitisse? Ou, quem sabe, resolveu se dedicar a outra profissão?

Jamais pude responder essas questões. Minha tese antropológica parou por aí. Além do mais, tive que fechar a livraria e entregar o ponto. Parei de frequentar o pedaço e não tive mais notícias daquele homem, mas sempre que passo por um terreno descampado dou uma conferida para ver se o vejo. Em vão.

Uma história sem nexos, esta – eu acho. Mas o certo é que a cada dia que passa vejo que o caldo da vida também não tem muito sentido. Aliás, isso nada mais é do que uma mixórdia de mistérios, incompreensões, frustrações, derrotas. No meio de tudo isso uma gente ignorante, jejuna de leituras e de humanidade, mas também, algumas vezes, indefesa e incompreendida. O pouco que soube deste pobre homem me permite colocá-lo em um cruzamento no qual a miséria e a incompreensão são redimidas por de uma cada vez mais rara sensibilidade. Um diamante em meio ao cascalho bruto.

\*\*\*

### **Boi de Carro**

Seu José? Não! Sou o Doutor José Adamastor da Fonseca. Sim, chefe deste Centro de Saúde. O que desejam de mim. Como? Entrevista para escola? Voltem outra hora, estou muito ocupado neste momento.

Agora é assim, toda hora vem um pirralho me entrevistar. Será que esses professores do Grupo Escolar não têm outra coisa para pensar? Um dia, talvez, quando tiver mais tempo, explicarei tudo direitinho para eles, que até merecem isso, mas por enquanto, não me amolem.

Aliás, fico pensando... Quarenta anos de medicina aqui nesta cidade. De fato, já vi muita coisa. A grande diferença dos meus tempos antigos é que não havia ninguém querendo saber detalhes das coisas que um médico faz ou deixa de fazer. Agora, toda hora vem um especular. Para não falar daqueles pacientes que já chegam aqui sabendo de tudo, porque consultam sei lá o quê na tal da internet, e já vêm com diagnóstico e até receita pronta. Como se aqui estivessem só para confirmar o que acabaram de descobrir. Quando não para contestar minhas receitas e diagnósticos. Mas aí eu ponho para correr. Não admito!

Quando eu cheguei, tantos anos atrás, era tudo muito diferente. Mas muito diferente mesmo! Eu queria ter ficado na capital, tinha convites de professores meus para trabalhar com eles em hospitais de lá. Mas a herança de meu pai, aquela fazendinha que acabei vendendo porque só

me dava prejuízo, acabou me arrastando para cá. Hoje já me conformei, com isso de morar no interior, pelo menos, porque o jeito moderno de fazer medicina, definitivamente não aprovo, não está em mim.

Naquele tempo, um médico era respeitado de verdade. Mesmo quando a gente errava, o povo reconhecia que, pelo menos, ele tinha se esforçado. Achavam que era sempre melhor ter um médico um pouco atrapalhado do que não ter nenhum. Mas pensando bem, sempre fiz o que pude pelos meus pacientes. Com a falta de recursos que era isso aqui, acho que eu até fazia milagres, ou quase. E não foram poucos.

Aquelas mulheres que vinham da roça arrebatadas pelas parteiras, por exemplo. Cruzes! Quantas noites passei em claro esperando um parto se realizar com a força da natureza. Lá de vez em quando nascia um já morto, mortinho, mas não era culpa minha. E muitos que nasciam bem voltavam uma semana depois estropiados, com tétano, gastroenterite, o diabo.

Para mim o grande mal do Brasil é a ignorância do seu povo. Fico desesperado quando essa gente da imprensa fica falando mal dos médicos, que nós isso e aquilo. É pura política deles! Comigo não, o buraco é mais embaixo. Essa combinação de política e gente ignorante não pode dar boa coisa mesmo. De política eu fujo, apoio sempre algum candidato para prefeito, vereador ou deputado, arranjo até uns votinhos para ele, mas definitivamente não me meto na política grossa. E não é por falta de convite, pelo contrário. Se fosse me envolver com essa gente estaria liquidado. Ou seria no mínimo deputado. Mas fujo disso.

Com os colegas, infelizmente, não posso ser lisonjeiro. Fiquei sozinho aqui na cidade por muitos anos e com sinceridade acho que era melhor assim. O que já apareceram aqui de pessoas estranhas ou suspeitas, melhor nem dizer. Acho que alguns deles nem diploma tinham de verdade. Mas teve alguns de outra variedade, os que já nasceram sabendo de tudo e querem sempre botar regras nas coisas que a gente faz, quando não me criticavam diretamente junto aos pacientes. Safados também, estes. Vão enfrentar a barra que eu enfrento aqui, dia após dia, ano após ano, para verem o que é bom.

Mas os piores mesmo são os que eu chamo de *comunistas*. Tem um agora atendendo aqui no posto que é desta raça. Ficam horas e horas proseando com os pacientes, fazem reuniões com eles e já fiquei sabendo até que perguntam para alguns que tipo de remédio preferem, se pomada ou comprimido, caro ou barato, injeção ou oral; vê se pode... E no final só sabem receitar caminhadas ou banhos de assento. Deus me livre, acho que não fazem a mínima ideia do que seja a autonomia do médico. É por isso que a nossa classe anda tão desmoralizada. E este sujeito aí, o tal do comunista, veio falar comigo que é preciso compreender e respeitar a cultura dessa gente, sem ficar querendo mudar isso. Ora me poupe... Para mim é um verdadeiro exagero chamar

isso de “cultura”. O remédio para quem está errado é correção mesmo, não ficar tentando “compreender” alguma coisa neles. Não é à toa que aparecem estes tipos de clientes que já chegam sabendo de tudo e querem discutir – veja só – com o médico, como se eu fosse igual a eles. Eu passei por uma Faculdade, me respeitem!

Este comuna ainda me apronta mais. Agora deu de trazer para o consultório um desses computadores de mão, aqueles que parecem uma televisão pequena. E ficam com aquilo na mesa, datilografando coisas enquanto conversam com os clientes e segundo ouvi dizer, até mostrando para eles figuras e outras informações médicas. Cruzes, onde vamos parar? Eu sou do tempo em que os aparelhos médicos eram estetoscópio, aparelho de pressão, termômetro, essas coisas, não essas novidades que tenho minhas dúvidas se ajudam os pacientes em alguma coisa.

E o tal sujeito ainda veio me falar que estão lançando uma bela novidade, que permite que o médico e o paciente se encontrem para uma consulta sem estarem presentes um na frente do outro. E o dito cujo achando isso a maior maravilha. Não acredito que isso funcione, definitivamente. Comigo é olho no olho. E nem precisa de muita conversa. Em quinze minutos eu mato qualquer charada clínica. Nada como a experiência, que essa gente nova não tem e nem sabe o que significa.

Há poucos dias, por exemplo, o tal doutorzinho movido a computador estava encrencado com um paciente febril cheio de manchas pelo corpo. Isso eu sei porque me contou a Sebastiana, que trabalha comigo desde que cheguei aqui e parece que nunca vai se aposentar. Eu só de ver, de longe, já daria o diagnóstico: lepra. Fácil para mim que conheço a família toda, aliás, conheço todo mundo por aqui. Eu nem mandei avisar para ele, achei que era boa oportunidade para uma lição. Ficou um mês naquele rame-rame, naquela pedição de exames para chegar naquilo mesmo que eu já havia diagnosticado. Espero que tenha aprendido a lição que conheço desde sempre: soberana é a clínica, nada de computadores e reuniões desnecessárias, que fazem os clientes se sentirem os *tais*, aquelas considerações culturais e vai por aí a fora. Sejam objetivos, ora essa. Medicina é difícil mesmo, mas não é bicho de sete cabeças.

Neste festival de novidades que virou minha vida, agora apareceu mais uma. A Secretaria mandou um dos tais computadores aqui para o Posto e determinou que toda a documentação que a gente manda para lá, no final de cada mês, tem que ser d-i-g-i-t-a-d-a, que é como eles falam. Sebastiana já falou que não contem com ela. Comigo muito menos. E tem mais: a programação dos remédios que distribuimos aqui, tem que passar por igual processo. Os prontuários dos pacientes, também. E que no futuro vamos ter que conversar com os clientes usando o tal aparelhinho infame que o comunista tanto aprecia. Se for assim, peço

minha aposentadoria. E Sebastiana já me disse que pedirá a dela também. Quero ver como vão se arrumar.

Com tudo isso, sinceramente, começo a me sentir que nem meu primo Aristeu, que era representante comercial, um dos tais viajantes, ganhou um bom dinheiro rodando interior com sua perua, visitando o comércio até que um dia descobriu que não precisavam mais dele, porque havia telefone internet, computadores, redes e não sei mais o quê para fazer o que ele fez durante toda a vida. Seu ganha-pão foi extinto e ele agora anda por aí que nem alma penada, sem ocupação, sem destino, sem qualquer alegria de viver.

Sem querer ser dramático, isso me lembra também a história dos dois bois de carro, Melado e Meloso, que sobraram na fazendola de meu pai. Ficaram sem função, quase que esquecidos num pastinho por muito tempo, até que um morreu picado de cobra e outro, quase só pele e osso, foi vendido para um açougueiro, por um preço que mal pagou o frete da entrega.

Vejo que este Doutor José Adamastor aqui, com sua sabedoria, seus anos de faculdade, sua fiel Sebastiana, sua perspicácia clínica, vai ter que dar um jeito em sua vida. Periga acabar apenas como um cacheiro viajante sem clientela, um esquecido boi de carro ou um abestalhado zê... ninguém. Isso se eu não morrer antes.

\*\*\*

## **Continuação**

(Fantasia sobre o conto “João Porém, o criador de perus”, de Joao Guimarães Rosa (in Tutaméia)

Não, Lindalice era a outra. Eu sou Gerismina.

Foi assim: João vivia para seus perus. Mangavam dele os amigos, dizendo que havia, nas redondezas, uma moça loura que o olhava e queria conhecer, Lindalice. Esta, de verdade, não existia. Mas João, dito Porém, que só sabia de perus, milho e terreiro, transtornava-se. Queria porque queria. Os amigos, maldosos, não lhe diziam a verdade. Pelo contrário, traziam recados, propunham respostas, ofereciam para escrever cartas de amor. João deu de gastar, perfumes, terno de brim, botinas - coisas que nunca tinha usado na vida. E queria tertúlias com a amada que não via - e nem podia ver.

Os amigos, apoiavam. Marcaram encontro, para dizer, à última hora, que Lindalice, adoecida, tivera que viajar para a cidade, atrás de doutor. João penava, queria saber quando, e se, e onde. Descuidava da criação. Uma ninhada inteira de peruzinhos, solta no terreiro em altas horas, por puro descuido do dono, sumira, devorada por algum bicho da noite. O milho para as aves, antes negociado escrupulosamente com vizinhos,

já mal se via nos improvisados cochos espalhados pelo terreiro. Os perus davam de invadir os quintais vizinhos, onde se fartavam das abóboras ainda não colhidas ou maduras. João Porém, na porta da venda provava do restilo, até então desconhecido. E não poucas vezes foi visto cambaleiar pelas ruas da corrutela.

Um dia, jogou pedras na janela da casa das professoras, julgando sua amada ali escondida. O cabo meteu-o no xadrez, o sujo banheiro da delegacia do vilarejo. Dalí, humilhado, foi solto ao romper do dia. Na rua, chusma de garotos gritava "João Porém, João Poorém..." Ele, atormentado, ainda pálido e amarrotado pela carraspana, mais zarolho que nunca, corria atrás. E o escárnio se recolhia, para reaparecer adiante, atrás do muro da Igreja, de dentro das salas da Escola.

Foi aí que vieram os amigos me buscar. Que eu fosse e passasse por Lidalice, mesmo Gerismina sendo. Que Porém não me conhecia e tinha, da outra, apenas imaginada, a visão de loura cabeleira, em tranças composta. Eu, bem sarará e de bexigas, além do mais ganhando a vida do jeito que todo mundo no arraial sabia, nunca que ia enganar ninguém, mesmo um peruzeiro caolho que nem João. E eles insistiam, propondo até paga.

Então fui. Era de tardinha e João, sentado num toco à porta de casa, olhava para o chão. Em volta, a peruzada ciscava e gorgolejava. Mesmo dentro da cafua era uma barafunda de penas e titica. Parei ali e fiquei olhando o pobre. Ele de repente me viu, acho que contra o sol. A cara triste e amarela, de repente se iluminou. Ficou de pé e me olhava, olhava. No princípio, achei que não era pra mim, mas logo percebi que era um olho apenas. O outro, me fitava sério, úmido, amoroso, como o de um cachorrinho aos pés do dono. João me estendeu a mão, grossa, suada, fria. Puxou-me para dentro de casa. Fez café, ofereceu cadeira. Pediu pra fumar, me ofereceu o pito. Quase não falava, só olhava com um olho, o outro corria solto e conferia o mundo em volta. João, num fio de voz, disse: "a gente ficamos aqui, de romances...". Um peru, perto, fez seu glu-glu e João nem acabou o que ia dizendo. Já escurecia. Minha mão já suave junto com a dele. Encostou a cabeça no meu ombro e uma peninha de peru me fez cócegas no nariz. Fiz força para não espirrar. Gostava daquilo. Assim vimos o dia nascer...

Semana passada ele se foi. Finou. Deu de inchar, ficou mais amarelo que o costume. O doutor, na cidade, dizem, tirou dez litros de água da barriga dele. Voltou para ser enterrado, numa rede encharcada. A saudade apertada, mas não chega a maltratar de verdade quem tem ofício de herança. João Porém quis que eu continuasse sua lida, e eu me entendo com ele e com todos os estes perus, aqui em roda, precisando de mim. Eu precisava dar essa ajuda a ele.

\*\*\*

## Demasiadamente humanos

*Diferente* – era pouco para descrevê-la. Magra, não muito alta, de seu corpo pouco poderia ser dito, escondido que sempre estava dentro de roupas folgadas e um tanto fora de moda. Alguma beleza tinha, pois na faixa dos vinte anos, como a maioria ali, isso era fácil de acontecer. Devia ser muito friorenta, pois quase nunca dispensava um xale ou um suéter de lã, às vezes até mesmo um gorro. Era adepta de meias grossas, que lhe caíam pelas canelas finas, insistindo em se amontoar sobre os sapatos baixos e também no feitiço vovó. E os cabelos lhe completavam o estilo, presos no alto da cabeça por grossas agulhas de tricô, mas não de forma muito composta, deixando-lhe cair sobre a testa uma ou outra mecha rebelde. E eram pretos os cabelos, não muito bem cuidados, guardando uma aparência fosca que, ao fim e ao cabo, também ajudavam a compor aquele *tipo inesquecível*. Óculos de míope, sempre escorregando nariz abaixo. Deixava no ar um rastro de patchouli.

Foi minha aluna por um tempo e eu pouco lhe ouvi a voz, da mesma forma, me parece, que a maioria de seus colegas, pois ela era a discrição personificada. Seu nome não guardei, mas sua bizarrice me encantava. Era boa aluna, com lugar fixo na primeira fileira, mais por miopia do que por ousadia, muito atenta às aulas e tudo anotando em um caderno grosso. Mesmo sem muitas palavras, contudo, eu percebia que ela se interessava pelo que era ensinado, ao contrário de muitos de seus colegas, e sua expressão atenta me confirmava mesmo que gostava dos temas que misturavam sociologia, política e saúde, na contramão absoluta de tudo que se ensinava em um curso tão tradicional como aquele. Não parecia ter muitos amigos, mas era respeitada pelos colegas como uma espécie de *persona* estranha, sem deixar de ser *grata*.

Ela me conquistou de vez quando propus uma apresentação em grupo e ela e os seus foram designados para apresentar o estado da arte da saúde mental no país, à época dominada pela “queda dos muros” dos nosocômios psiquiátricos. Os colegas apresentaram suas buscas primeiramente, de maneira burocrática e apenas repetindo o que haviam lido em documentos oficiais. Meu tipo inesquecível, não. Trouxe um longo cilindro de papelão e, meio desajeitadamente, o abriu e colou no quadro negro. Havia um desenho muito caprichado de um muro de pedras, aparentemente feito por ela mesmo e um texto em inglês, que ela pediu desculpas por trazê-lo assim, mas traduziria as partes mais importantes para nós. Tratava-se de um poema de Robert Frost que assim começava: *Something there is that doesn't love a wall...* E assim nos apresentou, timidamente, mas com muita propriedade e convicção, trechos do poema que falavam de brechas em que se podia vislumbrar o que ia além de um muro, através das quais se podia ver algumas macieiras, mesmo que não se atravessasse fisicamente tal barreira. E arrematou, interpretando o desfecho do poema: *pra quê um muro assim, se boas cercas é que fazem bons vizinhos?* Recuperei o poema na

internet depois e nem posso repetir exatamente suas palavras. Mas o que sei é que a senhorita diferente foi aplaudida pelos colegas e por mim, também. Algumas lágrimas me escaparam.

Alguma coisa havia me tocado naquela criatura – o que seria? Sua ligação com a literatura, tão excepcional naquele grupo? Seu modo de ser quase bizarro? Seu alheamento perante os padrões e julgamentos alheios? Ou, quem sabe, tudo isso ao mesmo tempo? E mais a nostalgia de que não fizesse parte de mim um jeito de ser como aquele.

\*\*\*

Ele era a demonstração viva de que as coisas podem acontecer, na vida, exatamente ao contrário do que se esperaria. Nascera pobre, num fundão pobre da região mais pobre do estado. Pobreza irremediável aquela, herança de muitas gerações; pais, avós e bisavós na enxada. Coisas como casa própria de telha e tijolos, água na porta, escola decente – nem pensar. Mas sempre fora bom aluno, que aprendeu a ler sozinho e ainda ajudou irmãos mais novos e mais velhos, além de primos e vizinhos, a trafegar nas primeiras letras.

Ao lado disso, sua vida tinha a triste simplicidade daquela de um menino doente, franzino e raquítico. Qualquer gripe o derrubava. Não crescia e já desde pequeno a barriga d'água se lhe sobressaia, dando-lhe uma marcha característica, que lembrava a de um gordote, coisa que definitivamente não era, ou mesmo um pato, como lhe gracejavam impiedosos os colegas de escola. Vitima das insidiosas incursões de um verme perigoso e caprichoso, que para chegar ao corpo humano precisava passar, antes, por um caramujo. Completado o que lhe podia ser oferecido pela escola rural, a professora, bondosa, quis levá-lo para prosseguir os estudos na cidade. Pai e mãe bem que queriam, mas com que recursos? A mestra fez o impossível e ele foi morar com familiares dela na cidade, onde prosperou naquilo que sabia fazer de fato: estudar. Porque no futebol, nas brincadeiras de rua e em tudo mais que uma criança ou adolescente desejariam, se fosse o caso de dispendir energia, ele estava fora, por pura falta de fôlego. Na nova escola continuou a chamar a atenção de todos, pela dedicação e desempenho, sempre entre os melhores.

Os professores o consideravam candidato competitivo a um vestibular, mesmo que fosse em universidade pública da Capital. E ele bem o queria, mas tinha consciência de seus limites, fossem econômicos ou físicos, talvez nem tanto intelectuais. Um médico da capital, renomado cirurgião e professor de medicina, natural da terra, veio vê-lo um dia, a pedido de colega local. Prestara mais atenção nas suas varizes esofágicas do que no seu talento, mas depois também ele a tal atributo se rendeu e se propôs a obter vaga para ele no hospital onde trabalhava e ensinava. Dito e feito! Convalescendo, fez amizades, com os colegas pacientes ou com os estudantes de medicina e residentes, logo capturados por sua

curiosidade e conhecimentos. Estes acenderam nele a chama de fazer faculdade, faltando definir a carreira.

Ele apreciava a nova vida na cidade grande e assim decidiu: queria ser médico. E foi em frente, passou no vestibular e começou a faculdade ainda internado na enfermaria. Na república estudantil onde foi residir, manteve-se fiel ao seu antigo hábito de ouvir música sertaneja no final da tarde. Depois, voltou para sua cidade e ali clinicou, tendo se transformado, dizem, em doutor muito respeitado, principalmente entre os mais ricos. Os pobres, como ele, preferiam procurar outros médicos, por confiar naqueles mais abonados do que eles. Vá lá se entender a humanidade. Mas seguiu em frente, seu mundo definitivamente era outro.

\*\*\*

### **Um dia na vida de Filomena Dias**

*- Último dia para entrega do relatório, Filomena!*

É comigo, infelizmente... Todo dia a mesma coisa, alguém me anunciando que é o último dia ou que o prazo já venceu. De susto em susto, de aperto em aperto, vou levando minha vida de gerente em serviço de saúde. Qualquer dia me anunciam – ou me cobram – o juízo final, só falta...

Mas tenho muito orgulho do que faço, estou aqui por ter sido aprovada em concurso e depois ainda ter feito uma formação para gerente. Isso entre um punhado de concorrentes. E tem mais, fui considerada, modéstia a parte, aluna destacada, a primeira a ser nomeada para a gerência, e já se vão quatro anos.

Mas cá entre nós, o que me faz sentir uma funcionária especial é o fato de que, ao contrário da maioria de meus colegas gerentes, eu não ser enfermeira, médica ou de alguma outra profissão de saúde. Este povo da injeção e da lavagem intestinal, sabem? Na verdade, sou formada em administração, com carreira longa na saúde, encarregada de faturamento em hospital durante um bocado de anos. E foi aí que fiz vestibular, cursei e concluí a faculdade. Mais um esforço, entre tantos...

*- Filomena, você já preparou a lista de medicamentos de urgência para este mês?*

Ó céus, lá vêm eles de novo...

Mas sabem, eu me considero, de fato, uma pessoa aplicada. Eu conheço na ponta da língua o estatuto do servidor e, além dele, todas as normas existentes com relação ao serviço público. Como minha vida nisso. Mas acho que cheguei quase à perfeição na contabilidade – sou realmente

boa nisso – particularmente no que diz respeito ao faturamento. E não tomo decisões de nenhuma espécie sem consultar certos livros de cabeceira, como o estatuto do funcionalismo, a coletânea das leis e das normas do SUS e até mesmo a Constituição. Aliás, além do curso de gerente já fiz vários outros de menor carga, por exemplo, na área de relações humanas no trabalho e de logística, coisas que eu simplesmente a-d-o-r-o.

Mas desde há três dias atrás, estou muito chateada. Não é que um programa de TV, daqueles sensacionalistas e muito cafonas, que muito apropriadamente se intitula “Barra Pesada”, deu grande destaque à reclamação de um cliente daqui da unidade, denunciando a falta de medicamento para *eleição*, seja lá o que isso for – acho que ele quis dizer *ereção*. Isso nem faz parte de nossa lista, só porque o laboratório mandou um punhadinho dos tais comprimidinhos azuis para se distribuir aqui ele acham que isso vai durar o resto da vida.

Mas sei muito bem dos medicamentos que nunca deveriam estar em falta, de uso contínuo por muitos pacientes; mas mesmo estes, faltam. Mas devo dizer, depois que assumi esta gerência, nunca deixei de enviar as listas, a tempo e a hora. Eles atenderem direitinho é outra história.

*- Dona Filomena. O banheiro das mulheres está com um vazamento há quinze dias e não há mais papel higiênico no estoque.*

Filhos da mãe estes caras da manutenção!

Essas cobranças devidas à irresponsabilidade de outras pessoas me arrepiam até os ossos. Sempre cuidei de preparar as listas de solicitações à Secretaria, a tempo e a hora, seja de medicamentos, produtos de limpeza ou serviços de manutenção. Nisso coloco a maior atenção, com pontualidade quase religiosa e mesmo assim, muitas vezes, vejo falhar o esquema. O problema é que tem uns funcionários que mandam para trabalhar aqui que, sinceramente, Deus me livre. Esta Fabiana, por exemplo, que encarreguei de fazer a lista mensal de pedidos, já houve ocasião de atrasar a tarefa, por ter esquecido, por inacreditáveis quinze 15 dias. Quinze!

*- Filó, pelo amor de Deus: a lista de medicamentos de urgência é urgente!*

Pronto, isso é a rotina. O pior é que só posso fazer alguma coisa depois do final de semana e do feriado de segunda, pois hoje é sexta feira e já são cinco horas da tarde. E olhe que hoje seria dia de folga para mim, licença para compensar horas extras da última campanha de vacinação, com trabalho em pleno domingo. Será que não tenho direito nem a isso?

Ai, como estou cansada disso tudo... Já até marquei uma consulta com o psiquiatra do meu plano de saúde, pois tudo isso me faz ficar muito deprimida. Mas a espera que me anunciaram é muito grande. Meses...

- *Filomena, o que você faz aqui não serve para você? Só para os outros? Por que marca consulta em plano de saúde e não na clínica de especialidades aqui da Secretaria?*

Ora vai, só faltava essa. A pirralha aí só porque faz faculdade e estuda Sociologia se julga a dona da verdade e da consciência política geral. Mas estuda em escola particular... Por que não tenta numa Federal?

Pois é, tudo numa sexta feira... Mas na segunda serei a primeira a chegar no serviço, disposta, até a raiz do cabelo, a esclarecer tudo. Mas não é que me lembrei que Fabiana foi liberada (por mim mesmo...) para compensar suas horas-extras e mais outros acertos e que só retorna ao trabalho dentro de uma semana? Caramba, falha minha, brutal. O jeito é tentar resolver isso pessoalmente. Irei eu mesma à Secretaria – e seja o que Deus quiser.

Mas antes disso, outro contratempo: me lembrei que é dia de fechar alguns dos boletins do sistema de informação, coisa árdua, morosa, chata de fazer. O único computador disponível aqui no serviço tem pelo menos dez aninhos de uso e é tem uma memória de barata, além de estar muito sobrecarregado de dados. Vou ter que aguardar no mínimo mais dois dias para executar a providência, pois vejo que minha presença no serviço agora é fundamental, principalmente depois do noticiário depreciativo do tal *Barra Pesada*. Malditos!

Como se não bastasse – ai meu Deus! Me chega agora uma informação nova, trazida por uma funcionária da limpeza, a Adelaide, que parece confiar em mim e me pede total sigilo a respeito do assunto. Segundo ela, tudo o que aconteceu e foi parar na TV parece uma armação, pois uma mulher usuária, cujo nome ele não sabe, teria se desentendido com Fabiana e, na ocasião, algumas pessoas ouviram a mesma dizer que “um dia se vingaria”. Adelaide ainda vai além: o marido dessa dona, de nome Alcebiades, líder comunitário na região, vem se sentindo desgastado com os nossos serviços, e também com as pessoas que aqui trabalham. Mas eu, Filomena, já saquei a raiz da confusão: Alcebiades, conhecido aqui como Bidinho, está revoltado, na verdade, é com o não-aproveitamento de algumas pessoas indicadas por ele para vagas recentemente abertas de Agentes Comunitários de Saúde. E além do mais, tem fama de abusador sexual...

Aqui tudo vai dar nisso: problemas pessoais mal resolvidos...

E deve ser verdade mesmo... Essa Dona Maria, mulher do tal Bidinho, é dessas pessoas que frequentam aqui muito amiúde – demais da conta, para falar a verdade – e mesmo se dando bem com alguns funcionários, principalmente com os médicos – não poupa outros membros da equipe de suas investidas, às vezes até caluniosas. Em outra ocasião, uma denúncia trazida por esta senhora eu pude perceber que era uma

retaliação pessoal contra uma funcionária, vizinha dela, acusada por esta de “estar lhe paquerando o marido”.

Mas volto aos boletins de informação. Só completei o serviço na quinta feira, não mais na quarta, como pretendia, pois uma pessoa que me ajudava faltou. E só então consegui ir à Secretaria resolver a pendência que me atormentava já havia quase uma semana.

Mas então eu nem sabia como os meus problemas ainda iam aumentar – e muito. Não só o tal do Barra Pesada, que havia denunciado o problema da falta de remédios, como outros programas sensacionalistas de rádio, agora não falavam de outra coisa, até acrescentando detalhes comprometedores e mentirosos. Por exemplo, que ocorriam também trocas de medicamentos no ato da entrega a pacientes, levando algumas pessoas a piorarem seus sintomas.

Ai meu Deus: eu já estava, então, literalmente à beira de um ataque de nervos.

*- Filomena, mande urgente a lista das pessoas que terão direito à bonificação de acordo com a Portaria 132, o Secretário pede que seja logo!*

E fui à Secretaria, já com as pernas inteiramente bambas. Estava vendo a hora que ia fazer xixi nas calças. E ali vi minhas suspeitas se confirmarem: o medicamento que faltava, segundo a queixa divulgada nas rádios, realmente estava fora da lista encaminhada duas semanas antes. Eu até me ofereci para levá-lo pessoalmente à unidade, mas o responsável pelo almoxarifado me disse, em tom de advertência (ó céus!), que isso contrariava as regras, e que eu teria de esperar pela nova data de entrega prevista, dentro de dez dias aproximadamente.

Lamentei muito, mas fazer o quê? Logo eu que, afinal de contas, sempre fui defensora intransigente de que “normas são normas”. Assim, tive que acatar a decisão da besta do almoxarife e aguardar pacientemente a normalização do atendimento.

Mas meus problemas, infelizmente, estavam longe de acabar...

No dia seguinte, um Promotorzinho de Justiça entra na história, exigindo do Secretário uma explicação para a falta de medicamentos na unidade. Já cheguei no dia seguinte encontrando mais uma notificação urgente:

*- Filomena, por favor justifique, por escrito, o acontecido, em prazo máximo de 24 horas.*

Neste mesmo dia, fiquei sabendo depois, o Barra Pesada mandou um repórter à unidade para me entrevistar e não me encontrou, já que eu

estava na Secretaria preparando o relatório que o chefe me pedira. O repórter ameaçou aprontar um escarcéu sobre a ausência da responsável, “em pleno horário de trabalho”

Alguém me liga pelo celular, anonimamente, para dizer que existiria uma rixa entre Adelaide e dona Maria, que também eram vizinhas e tinham desavenças antigas, não sobre maridos, mas a respeito de demarcação dos respectivos terrenos...

Para completar a confusão, Fabiana me aparece alegando que o tal medicamento não foi solicitado simplesmente porque havia quantidade suficiente em estoque, me mostrando provas disso. Portanto, segundo ela, o que deve ter ocorrido é algum desvio.

Ato contínuo, o almoxarifado central se manifesta, pedindo que eu compareça para depor em uma comissão de inquérito visando esclarecer possível desvio de medicamentos na unidade.

Mas aí, então, até que enfim:

*- Sra. Filomena Dias, por favor entre em contato com a nossa Central de Marcação de Consultas.*

Fui para casa no último furo. Mas pelo menos, finalmente, tive a consulta marcada com o psiquiatra, ou psicólogo, sei lá, o Doutor J. Pinto Fernandes, que ainda não havia entrado na história.

Mas fui obrigada a desmarcar a consulta, pois tinha que dar conta de todas aquelas pendências.

\*\*\*

## **O Especialista**

Acreditem vocês, eu já fui muito prestigiado nesta cidade. Não havia fazendeiro, chacareiro ou mesmo outras pessoas de qualquer tipo que não fossem atrás de mim em certos casos de apuro. E eu estava sempre disponível, ganhava um bom dinheirinho. Pra falar a verdade, até gente eu curei também.

Não me apresso em dizer o que fazia, qual profissão eu tinha. Isso eu nem sei se tenho coragem para contar, porque vejo que os tempos mudaram e o que era motivo até de honra e orgulho para uma pessoa, como foi o meu caso, virou hoje motivo de troça e desprezo. Mas posso garantir que sempre fui um especialista.

Mas vejam, na roda da farmácia, onde se reuniam juiz, promotor, delegado, médico e às vezes até o padre da cidade, eu era tratado como

um deles. Teve ocasião de até me contratarem para prestar serviços e bem me pagarem. Quando nada, me pediam conselhos.

Seu vigário mesmo, certa vez, foi me buscar altas horas da madrugada, para que eu socorresse um ente querido. Eu fui, resolvi o problema e dei a assistência necessária, por vários dias. Ele quis me pagar e não aceitei, pela honra de atender o pedido de pessoa tão ilustre. A partir daí se tornou meu amigo e volta e meia me procurava em casa para se aconselhar em casos semelhantes, indicando também meus serviços para muita gente mais. Era um bom homem, gostava de gatos, tinha uma dúzia deles, Deus cedo o levou.

Da mesma forma o senhor juiz, que se dizia fazendeiro, mas quase a pedir esmola com aquelas suas vaquinhas de costelas à mostra. Mas este era safado, sempre me perguntava se eu fosse cobrar dele quanto custaria. Eu dava uma resposta atravessada, para ver se ele desconfiava, mas acabava ficando por isso mesmo. Este aí era de maus bofes, acabou se engraçando com a mulher do delegado e foi logo removido da comarca, ameaçado de morte. Depois soube que ele se deu mal lá também. Aliás, desde que bati o olho naquele tipo, desconfiei. Sabe aquela pessoa que conversa sem olhar nos olhos da gente? Para mim, não presta.

E minha fama não era só o da cidade, não. Eu era chamado para as redondezas volta e meia e isso foi se ampliando para cidades vizinhas, chegando até mesmo a ter que viajar por horas, em condução dos que me chamavam ou mesmo no lombo de caminhões leiteiros. Por um tempo me associei a um prático de dentista, que viajava com duas mulas, uma para si outra para seu equipamento, e assim, em dupla, íamos semeando nossos benefícios pela região.

Mas com tal prático tiradentes tive dissabores, porque o danado era ridico, queria que eu me responsabilizasse sozinho pelo trato das mulas e até pelo conserto dos arreios velhos que ele insistia em manter em uso. Aquilo era incapaz de comprar alguma peça nova, fosse bridão, estribo, cabresto, para não falar de sela. Na mula que agora me cabia, tive que viajar quase que em pelo. O pior – e que todo mundo me dizia – era que com a minha companhia o serviço dele tinha aumentado um tantão, ele que já andava meio desacreditado pelo tanto de bocas que ele arruinou em suas passagens pelas fazendas. Mas aquilo durou pouco, graças a Deus, porque ele pegou uma erisipela brava nas pernas e teve que parar sua faina. Mas pelo menos me vendeu aquela mula muito sem vergonha, mas que eu apetrechei com bons arreios daí em diante.

Aquilo me dava prestígio, só vendo... Algumas pessoas, talvez por inveja ou má fé, duvidavam de minha capacidade e sabedoria. Talvez até fosse por ignorância mesmo, como foi o caso de Nhá Chica, uma velhota que

morava num fundão de mundo, mas que precisando de mim mandou o filho, um brutamontes sem tamanho, me buscar em casa.

E o tal sujeito: *a mãe tá com uma dúvida nas partes, mas ela não quer e nem eu vou deixar o senhor bulir nela, lá em baixo.*

Não é que fui lá e convenci a velha a me mostrar as tais *partes*? Pedi ao bruto que fosse campear uma raiz no mato e com a folga que ele me deu encarei o *serviço*. Não que eu tivesse uma solução para o caso, o que via ali era a mãe-do-corpo posta pra fora, como se fosse um badalo de sino. Aquilo era para a faca de um cirurgião, não para mim. Mas mesmo assim resolvi aconselhar; e lhe devolvi a mãe com as recomendações devidas. Nem me agradeceu. Aliás, nem que quisesse me pagar aceitaria, porque era uma gente que vivia numa penúria de fazer dó.

Outro que me atazanou a vida foi um doutorzinho de araque que apareceu por aqui. Me ofereceu sociedade com ele, para eu cuidar dos casos que ele passaria pra mim. Logo vi que era patranha, passou um mês, dois e ele só faturando, sem me mandar ninguém. No final percebi que minha companhia dava era prestígio para ele. Mas eu nem precisei de tomar alguma providência, ele mesmo se deu mal com um sitiante das bandas do Capão Seco, que desconfiou – parece que com razão – que o safado lhe queria roubar, mostrando contas fora de propósito. E como o dito cujo era primo do sargento, fez com que se botasse o doutorzinho pra fora daqui. Eu achei foi bom. Depois até correu a notícia que o sujeito nem tinha diploma de verdade, e que já tinha tomado uns processos em outra cidade.

Alguns dizem por aí que eu cometi uns erros cabeludos. Pode ser, não nego... É que este povinho ignorante acha que a gente pode fazer milagres. Eu dizia sempre que fazia a minha parte, mas era preciso trazer os casos enquanto ainda era tempo. Era cada estrupício que aparecia – valha-me Deus. Por exemplo, a eguinha de um camarada lá da Boca do Mato. Tinha se enrolado no arame farpado e quanto trouxeram para mim era uma chaga só. A bicharada infestando, caindo pelo chão e até fazendo rastro. Coisa feia de se ver. E queriam que eu resolvesse aquilo...

Nesta ocasião apareceu por aqui um Juquinha, mascate de remédios para gente e bichos. Logo que soube de minha pessoa, não sei como, começou a botar defeito no que eu fazia, dizendo que tinha soluções muito melhores do que aquelas que eu aplicava.

Bem, acho que já está na hora de eu dizer alguma coisa da minha antiga profissão.

Eu era benzedor – especializado no assunto, aliás. Comecei ajudando minha vó Eustácia, que benzia crianças e também mulheres na hora do parto. Eu ia junto com ela, principalmente quando o caso era noturno e

sinceramente nem posso dizer que aprendi alguma coisa com aquilo. Aquelas rezas e movimentos eu não compreendia bem e ela fazia isso meio fora de si, incapaz de me ensinar. Mas não sei bem porque resolveu achar que eu também levava jeito para a coisa. *Você tem tino*, me dizia. Eu não entendi bem o que ela quis dizer, mas resolvi testar primeiro em um caso de mordida de cobra, em que a velha Eustácia estava longe e eu mesmo resolvi agir. O coitado do mordido tinha chegado tarde, de modo que minha benzeção parece que não teve nenhum efeito. Ou ele se curou sozinho, sei lá. Só sei que não chegou a morrer, mas ficou estropiado pela vida a fora.

Mas uns dias depois, mais uma vez longe da velha, me deparei com um novo caso, que achei poderia se valer de minhas rezas: um cachorro que tinha levado umas pedradas da molecada e tinha no lombo uma chaga viva, na qual se mexiam encarniçadas umas cinquenta larvas de berne e outras más moscas do mato. Era de dar nojo aquela montoeira de bichos de vareja, corós, morotós, que é como o povo fala.

É a minha vez, pensei. Amarrei o coitado e durante uma boa meia hora lhe fiz todas as rezas que copiei de minha avó, acrescentei palavras novas, algumas criadas por mim ali na hora e lhe apliquei uma dúzia e sinais da cruz em cima da ferida. Para testar o efeito daquilo, deixei o bicho amarrado na horta de casa. E não é que um dia depois não havia nenhuma das bichas naquele lombo machucado? A ferida estava ainda lá, mas quase limpa agora. Joguei um pouco de creolina, um jorro d'água e soltei o bicho, que se afeiçãoou comigo e assim pude constatar, na hora e depois, que ele estava curado, curadíssimo.

Como uns moleques da vizinhança tinham assistido aquilo e o povaréu daqui é mesmo novidadeiro, em poucos dias todo mundo sabia da minha proeza e foi um tal de gente chegando com cachorros, gatos, ovelhas, mulas e o que mais houvesse. Depois, veio até gente para se curar comigo. Comecei trabalhando de graça, mas quando vi que a velha tinha razão com relação às minhas habilidades, resolvi cobrar um precinho de cada benzida que eu fazia.

Mas aquele Juquinha... O tal que danou a falar mal de mim. Segundo ele, este negócio de benzeção não estava com nada, pois a ciência tinha encontrado coisa muito mais eficiente para estes casos de bernas e bicheiras de maneira geral. Eram umas pílulas que bastava tomar uma vez só e o caso se resolveria. Aliás, curava muito mais coisas nos doentes e até em quem nem tinha adoecido ainda, porque segundo ele, “reforçava as defesas do corpo das pessoas”. E custava bem menos do que eu cobrava para aplicar minhas rezas. E apregoava o nome da maravilha: *ivomec*, *ivonete*, *internet* – alguma coisa assim.

Logo vi que funcionava mesmo, com vantagens, porque nas minhas benzidas tinha uma parte dos casos que elas não adiantavam nada. Já a tal da poção parecia fazer feito em todos os casos.

Pois é, depois disso minha vida mudou. Ninguém mais me chama para benzer bicheiras. Estou tentando agora o ramo de reza para trazer marido ou namorado desgarrado de volta. Vale mais para mulheres, porque já vi que os homens têm vergonha de pedir um adjutório assim ou apelam rápido para a ignorância. Quando não estão nem aí por seu cacho ter ido embora.

E assim vou levando a vida. Aqui na Vila não é fácil a gente sobreviver. Se pelo menos tivesse dinheiro, ia procurar outra especialidade, fazendo um curso de propagandista de remédios, que nem o desgraçado filho-da-mãe fofoqueiro desse Juquinha d'uma figa.

\*\*\*

### **O Apocalipse segundo JB**

*Bem aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo. Apocalipse 1:1-3*

Caminhar pelas ruas da cidade era antigo costume de João Batista, JB para os mais íntimos. Desempregado, então, fazia daquilo quase um ofício. Andava pelos quatro cantos, procurando novidades ou coisas fora da rotina, quaisquer que fossem: construções inacabadas, praças e ruas em fase de reparos, lixo jogado em lugares inapropriados, automóveis abandonados, pneus e colchões em desuso jogados a esmo, algum vazamento de água ainda não corrigido. Em uma pequena caderneta anotava tudo, *para dar parte*, dizia ele, sem declarar quem seria o objeto de tal comunicação. Se houvesse alguma criança ou criação perdidas nas ruas, deixassem com ele também.

Mas o que importava era anotar, registrar, de alguma forma fazer aquilo ganhar substância. Depois haveria de procurar o que fazer de tanta acumulação. E havia muito trabalho a cumprir, naquela vila que ele via em total desmazelo, antes de um arremate de sua missão. Depois, um dia, se veria...

Passava repetidamente pelos mesmos lugares, em um périplo que apenas gradualmente se ampliava, sem maior pressa, todavia. Era preciso prestar contas, talvez principalmente a si mesmo, de cada canto percorrido e da inspeção de cada lote vago, antes de ampliar sua exploração cotidiana.

E foi ali, debaixo do pontilhão da estrada de ferro que ele ouviu a voz pela primeira vez. E ela dizia qualquer coisa sobre um cavalo branco, cavalgado por um homem armado de arco e flecha. E mais ainda, que tinha sido dado a tal homem uma espécie de manto, para quando ele saísse vencedor de terríveis batalhas.

A voz o chamava pelo nome, mas dizendo apenas *João*, sem usar o *Batista*, nome pelo qual era mais conhecido. Ele olhou em torno, espantado. Não por ter ouvido a voz, pela qual ele afinal já esperava há tempos, mas por não imaginar que ela lhe chegaria em lugar tão estranho, com tanto lixo atirado, cheirando a esgoto, com ratos e moscas por todo lado. Mas mesmo assim se regozijou, pois afinal de contas algo há muito augurado lhe alcançava.

Depois de anotar as condições do local na caderneta, se assentou no chão para ouvir melhor. Sem deixar de se preocupar com as condições do local, viu que havia muito a ser compreendido naquelas longas e complicadas sentenças que a voz lhe trazia, apontando terríveis acontecimentos. A menção repetida a palavras como *revelação* e *anticristo* lhe sugeriu que aquilo tinha ligação com algo de fundo mais religioso ou espiritual. E a voz também lhe dizia, repetidamente: *são quatro, são quatro!* Quatro o quê? Indagou a si mesmo, pensando se poderiam ser quatro cantos, quatro ventos, quatro queijos. O que significaria isso, afinal?

A voz parecia se alterar, em modos de irritação e ameaça. Falou também de um cordeiro degolado, além de peste, de guerra e de fome. Aquilo fazia sentido para ele, ao lembrar daquela imagem inicial do cavaleiro armado e montado em um corcel branco. E a voz agora sussurrava: *João, atenção! Este é o que traz a peste em seu cavalo branco, a peste! Mesmo os que se cuidam não escaparão.*

JB ficou de fato perturbado, a cabeça agora lhe latejando com intensidade. Resolveu caminhar para fora daquele lugar, temendo que aquela voz cada vez mais ameaçadora se voltasse contra ele. Saiu dali a vagar fora de seu domínio habitual, até que se recostou à parede de uma oficina abandonada e adormeceu ali. Exausto.

Mas logo se viu desperto. Seus ouvidos, tão próximos àquela parede nua e fria, a ouviam de novo. E a voz agora falava em grandes acontecimentos, com o número *quatro* sendo substituído pelo *sete*: *sete pragas, sete selos, sete pecados*. E mais, agora chamando alguém: *Daniel, Daniel, Daniel, onde está você?* Uma coisa nova era pronunciada, lembrando mais uma vez o tom místico da conversa de antes: *um cordeiro foi morto! Pode ser uma coisa assim, João? E muita guerra virá*, dizia ainda a voz.

Não sabe se dormiu de novo, se vagou mais ainda pela cidade, se voltou para casa. Só se lembra de ter estado por outros diversos lugares, agora de volta a seus percursos habituais. Passava então por uma chácara já conhecida, na periferia da vila, quando novamente ouviu: *João, meu filho... Sim, você mesmo!* E aquilo partia agora de dentro de um muro de pedras que cercava a propriedade.

E prosseguiu a voz, falando agora de um cavalo vermelho, cujo cavaleiro, ameaçador, armado de uma grande espada, seria capaz de extinguir toda a paz da terra, fazendo com que os homens se tornassem inimigos entre

si. O tom ameaçador era cada vez mais assustador e isso o fez estremecer. Mas mesmo assim, ou por isso mesmo, resolveu seguir adiante.

Mas agora a voz parecia o perseguir, brotando de cada muro, mureta, cerca e até mesmo do chão cru. Às vezes apenas dizia seu nome, de forma ácida, se calando em seguida. E seguiu falando de um profeta que iria reunir seu rebanho e ao mesmo tempo travar batalhas contra os inimigos tremendos. E a alusão ao cordeiro imolado voltava a ser repetida, inúmeras vezes, como se buscasse a vingança de um crime terrível. Um cavalo negro foi anunciado e galopando com ele o flagelo terrível de uma fome como nunca se viu antes. *Como nunca ninguém pode ter visto, João, em nenhum lugar deste mundo de Deus.*

Foi adiante, cada vez mais afastado de seu território habitual. A velha igreja, há tempos fechada por falta de padre, lhe pareceu bom lugar para repouso e distância daquilo que certamente lhe movia alguma perseguição. E ali ouviu mais, agora a referência a um cavalo preto, cavalgado por um homem que portava uma balança de peixeiro em uma das mãos. E a voz, sempre ameaçadora, agora dizendo algo ainda mais misterioso, como trocar partidas de trigo e cevada por dinheiro, com azeite e vinho como parte de tal negociação. *João, presta atenção, tudo isso é muito sério, é o Senhor que quer assim!* E ouviu chamar novos nomes, além do Daniel já citado, como Zacarias, Ezequiel e Oziel, fossem lá quem fossem. Ele realmente não sabia quem seriam e qual papel teriam naquela provação que agora lhe chegava.

Seguiu em frente, cada vez mais esbaforido. De novo no pontilhão da ferrovia julgou ser possível se proteger ali. E ali a voz, mais uma vez, cresceu em tonalidade e ameaças. O personagem equino era agora um cavalo baio ou amarelo esverdeado. *João: este é da mesma cor de um cadáver que se decompõe!* E era o quarto e último, assegurou a voz, com tal montaria sendo portadora de morte e tragédias diversas. Mas talvez não fosse um cavalo agora, mas uma égua esquelética, pela hora da morte. E seu ginete era simplesmente a Morte, com todo um cortejo de seres enviados ao inferno e destinados à extinção eterna a seguindo de perto.

A voz, cada vez mais insistente e tenebrosa dizia que aqueles quatro cavaleiros e suas montarias branca, vermelha, negra e baia, estavam chegando para anunciar o fim dos tempos. *Presta atenção, João, seu pecador infeliz!* Esses aí eram os escudeiros do Anticristo e para quem bem soubesse representavam Peste, Guerra, Fome e Morte. Seus ginetes não salvariam ninguém de nada, pois eram os verdadeiros e últimos carrascos a punir a humanidade em pecado.

Ele então percebeu que não seria possível alcançar salvação para ele, aliás, para ninguém, ninguém mesmo. Tinha que escapar, no mínimo para algum lugar onde não houvesse paredes ou muros, entidades que carregavam não só aquelas notícias tão más, mas junto com isso uma feroz capacidade de executá-las.

Tomou assim a estrada principal e por ela caminhou, noite adentro e também no dia seguinte, apesar do sol, da poeira, da canícula opressiva daquela época do ano. Era preciso escapar. Ele sabia que era inocente absoluto em relação a tudo o que a voz apregoava. Não! O filho de sua mãe não seria pego, com certeza.

No dia seguinte, já ao crepúsculo, alguns trabalhadores rurais o descobriram e os homens da ambulância municipal o resgataram em seguida. Estava caído numa valeta lateral da estrada, com a cara suja de lama, língua seca como uma canela de ema, olhos vidrados. E balbuciando sem parar palavras com sentido misterioso e desconhecido, como *Apocalipse e Armagedon*, além de outras, entre as quais a palavra *Besta* se destacava. Balbuciava cheio de ira e ansiedade se alguém vira por ali quatro cavalos, cada um de uma cor diferente. E invocava sem parar a proteção de São João, jogando nomes feios sobre uma desconhecida Salomé, jurando vinganças terríveis contra o ser que ele denominava *Anticristo*.

No terceiro dia sua mãe, uma humilde lavadeira que morava longe dali, veio visitá-lo no hospital psiquiátrico. E trouxe, a pedido do filho, um livro, a Bíblia, que ele, pelo que então se soube, lia com avidez havia meses, passando assim até noites em claro. Para a mãe, João Batista sempre fora uma pessoa calma e normal, sempre muito rigoroso e cumpridor de seus afazeres. Começou a ter mudanças de atitudes depois que perdeu o emprego de frentista em um posto de gasolina e se separou da mulher. Por causa disso começou a frequentar uma igreja evangélica, sendo acolhido como uma espécie de protegido do Pastor, que lhe influenciava naquelas leituras da Bíblia. Ela precisava comunicar a este homem sobre os acontecimentos dos dias anteriores, aquelas mudanças tão graves de comportamento do filho, quem sabe ele o ajudaria. Precisava só arranjar um dinheirinho para colocar o dízimo da igreja em dia, atrasado desde que JB perdera o emprego.

Com relação às palavras que ele repetia sem cessar, *Margedão e Pocalipes*, a mãe desconhecia o significado delas, mas sentia que era coisa que parecia importar muito ao filho. Ela só queria que fosse curado daquilo, precisava dele demais, não só como companhia para sua velhice, mas também pelos trocados que bem ou mal ele lhe trazia no final de cada duas semanas.

\*\*\*

### **Coisas entre o céu e a terra**

Há mais coisas, Horácio, entre o céu e a terra, do que sonha nossa vã filosofia. Hamlet -  
Shakespeare (Ato I - Cena V)

Logo que viu aquele negro jovem e corpulento, com um tosco cartaz escrito a pincel atômico com seu nome, a esperá-lo na calçada do aeroporto, sentiu de imediato certa empatia pela figura. Em cada

movimento seguinte viu confirmada suas impressões, nos votos de boas-vindas, na mala que lhe foi retirada pressurosamente das mãos, na indagação se havia feito boa viagem. Quando entrou no carro havia a sua disposição pastilhas de menta e água mineral, meio quente, mas sempre um agrado, pensou, mas que mais ainda lhe aumentou a simpatia pelo motorista, que o conduziria para uma viagem noite a dentro.

Estava ali para uma visita técnica à prefeitura do município, situado a quase 200 km daquela cidade polo, para onde o avião trouxera. Era bem acostumado com este tipo de viagem e as recepções que lhe faziam costumava ser variadas em termos de qualidade, mas aquela lhe parecia estar entre as mais calorosas que já experimentara.

E aquele motorista se esmerava. Ofereceu-lhe o lugar no banco de trás, que ele recusou. Insistiu que que ele aceitasse as pastilhas de Mentex e a água, além de indagar se ele gostaria de ouvir alguma música. O carro não era novo, mas rebrilhava de limpeza e bons odores. Mais do que isso, contudo, lhe tocou a habilidade que a figura tinha em praticar o que ele denominava de *render assunto*, aspecto pelo qual ele tinha especial simpatia e atenção em relação às pessoas com quem interagia.

E assim, conversa vai, conversa vem, descobriu que o sujeito era também baixista nas horas vagas, ganhando até um dinheirinho com isso (*toco tudo, seu doutor, vou do rock ao sertanejo*); que era separado da mulher, com a qual tinha dois filhos e que na prefeitura dirigia também caminhão, *até de lixo*, quando lhe determinavam isso. E de quebra, revelou que apreciava participar, também como músico, das manifestações de congado, que eram populares na terra.

Realmente, para uma viagem noite a dentro, na qual cumpria espantar o sono e o tédio, não haveria companhia melhor.

A certa altura Joaquim (*mas pode me chamar de Quincas*) lhe perguntou se já ouvira falar de um sitio arqueológico situado nas redondezas da cidade, onde supostamente se instalara um antigo quilombo, destruído em refregas sanguinolentas com as tropas do governo português da época. Não, ele nunca ouvira falar disso, mas bem que gostaria de conhecer. *Então fale com o prefeito que o senhor quer ir lá, pois com certeza vão me encarregar de levá-lo, o que vou fazer com o maior prazer* retorquiu o músico, motorista e folclorista, agora se autoproclamando também guia turístico.

Sugestão feita, sugestão aceita. Encerrados os dias de trabalho na cidade, de acordo com combinação antecipada, às sete da manhã Quincas já o esperava na porta do hotel, para irem ao quilombo, antes do retorno ao aeroporto. E naquela breve meia hora de viagem a conversa continuou a rolar, receptiva e cheia de espírito, como três dias antes na jornada noturna.

O tal sitio arqueológico era apenas um pedaço de cerrado, circundado, mal e mal, por um valo pouco profundo. O que o distinguiu do resto da paisagem era uma vegetação um pouco mais densa, preservada, por algum motivo, das queimadas comuns por ali. Quincas cumpria com louvor seu papel de guia, explicando que aquilo estava abandonado, ou melhor ignorado, por todo mundo na região, até que o povo de uma universidade tinha vindo fazer os primeiros exames do local. Segundo ele, acharam apenas pedaços de cerâmica, alguns ossos de animais ou talvez humanos, além de pedaços de carvão, que eram examinados em aparelhos especiais que revelavam a idade daquilo. *E deu mais de duzentos anos, imagine o senhor!*

Quincas parecia muito entusiasmado de início, dizendo mesmo que para ele aquilo era como uma missão, uma maneira de reverenciar e honrar seus antepassados que viveram e lutaram naquele sítio. *Mas aqui teve muito sofrimento, moço* – por várias vezes repetiu.

Aos poucos, contudo, mudou seu estado de espírito. Como acontece aos negros quando empalidecem, sua pele foi tomando uma coloração cinzenta. E a loquacidade aos poucos foi se esgotando. No final apenas dizia ao visitante, também se repetindo: *está escutando, doutor?* O visitante não percebia nada mais do que o ruído do vento na folhagem, além de alguma cigarra ou pássaro próximo. *E agora, o senhor ouviu?*

Em certo momento o visitante notou, com certo susto, como Quincas havia se tornado mais taciturno e até mesmo seu cinzento foi se clareando. Achou que valia a pena encerrar o passeio.

Mas de repente ele próprio sentiu algo estranho dentro de si. Uma coisa difícil de descrever, algo de que ele tinha apenas uma vaga lembrança, que vinha de tempos remotos da infância. Uma sensação de vazio, um gosto estranho na garganta, uma espécie de vibração, uma delicada sensação na pele de todo o corpo, como se estivesse sendo tocado por uma nuvem ao mesmo tempo diáfana e penetrante. Lembrou-se que era algo assim que sentia quando tinha febre, principalmente acordar neste estado durante a noite, e que perdurava até que tomasse a novalgina trazida pela mãe. Nunca mais sentira aquilo, mas era algo bem semelhante, que agora o tocava com grande nitidez sensorial e de memória.

Quincas, mais cinzento do que nunca, ainda lhe disse: *é assim, eles ficam cochichando sem parar, não entendo o que dizem, mas parece que não é coisa boa. Muito sofrimento por aí, seu moço...*

E assim voltaram para a cidade e dali ao aeroporto, em viagem que transcorreu sem incidentes, com Quincas recuperando totalmente as cores e a bonomia. Na despedida, recusou com gentileza, mas também com firmeza, a nota de cem reais que o visitante lhe estendera.

Seguiu-se a vida. Um ano depois, ou por aí, o consultor de prefeituras fez outra viagem de serviço, desta vez acompanhado da esposa, para assim aproveitarem os atrativos turísticos do lugar, uma cidade histórica, da época das ricas minas. Havia nas proximidades um roteiro conhecido como Caminho dos Escravos, que levava a outra cidade próxima, atravessando matas densas e morros íngremes, através de uma senda quase todo o tempo calçada de pedras mais ou menos planas, supostamente obra de escravizados. Um instrutivo e notável passeio na verdade, cabia perfazê-lo.

Em certo do ponto do trajeto, como já passava das quatro horas e a mulher se queixasse de cansaço, além de já revelar um certo temor com a noite se aproximando, ele se adiantou uma centena de metros, para explorar um pouco mais a calçada que se estendia mata a dentro. Parou numa clareira para sentir o ar fresco e perfumado do lugar e numa respirada mais profunda sentiu de novo a sensação que experimentara no passeio ao quilombo. Aquele mesmo vazio no peito, acompanhado de um gosto esquisito na garganta, uma vibração que parecia vir de fora, a lhe tocar a pele por todo o corpo. A ida ao quilombo era recente e ele teve a sensação de coisa já vista e agora repetida, um daqueles clássicos *dejà-vu*, com grande nitidez neste momento.

Mas não foi só isso. Em algum lugar da mata havia vozes, mas que agora não eram cochichos, mas bem audíveis. E diziam algo como ter dado a hora de se voltar para casa, eis que o dia de trabalho terminara, culminando isso com risadas e palavras de entusiasmo. Ele procurou voltar para junto da mulher, deixada sozinha alguns metros atrás e logo a alcançou, ficando por ali até que passassem por eles aqueles loquazes companheiros de caminhada.

Mas ninguém passou. As sensações que experimentara logo desapareceram. Depois de uma meia hora de espera, com a esposa já um tanto amedrontada pela escuridão que rapidamente se instalava, decidiu voltar, morro abaixo, contudo, sem revelar a ela as sensações estranhas, internas e auditivas, que acabara de experimentar.

De repente, lembrou-se de Quincas. Quem sabe ele lhe daria uma luz sobre aquilo? Ou talvez conseguisse captar por inteiro aquela conversa apenas fragmentada e distante. Lembrou-se também de algo que lera ou ouvira há tempos, já não se lembrava mais de que fonte ou em qual lugar: *há mais coisas do que podemos imaginar entre o céu e a terra.*

\*\*\*

### **O crido e o havido**

Do justo o certo, do certo o crido, do crido o havido. [...] Pois então o senhor mesmo me diga: o que foi que ele foi fazer? Que saiu daqui, em encoberto, na vagueação, por volver meses, mas com ponto de destino... (J. Guimarães Rosa – O Cara de Bronze)

Meu nome é Antônio, mas meu médico, não sei bem porque, resolveu me apelidar de Porfírio. Ou melhor, eu no começo nem sabia de onde vinha tal apelido, mas quando descobri, achei até bem-posto. Depois eu explico.

Tudo começou há uns bons anos atrás. Eu era moço e aliás muito bem disposto para cuidar das coisas que meu pai, que Deus o tenha, me deixou. Um terreno, algum gadinho e a esperança que as coisas sempre iam melhorar, com a chuva, com a sorte, e mais o trabalho de quem nisso bota fé. Eu tinha tudo, mas um dia me faltou o que não podia faltar: um pouco de sorte. Quem é que manda no corpo da gente? Esta máquina complicada com seus mil nervos, músculos, juntas, tripas, sangue, este sarapatel que se ajunta dentro da gente e que só os médicos – e muitas vezes nem eles – dão conta. Para não falar do que encobre tudo isso, a pele, que parece um para-raios, sempre a recolher as influências de fora e de dentro da gente. Cruzes!

Mas eu dizia: eu era moço e o balaio da minha vida, com suas tantas laranjas, andava cheio até as bordas. Levantava cedo, ia para a lida no campo e voltava para casa já na boca da noite, lamentando que o dia fosse tão curto. Porque, para mim, de bom tamanho estaria até se fosse maior. Mas um dia comecei a notar que a pele me ardia além da conta, parecendo que correram uma lima das grossas em cima de mim, total. Efeito do sol achei que não fosse, porque desde criancinha o que mais fazia era receber seus raios chapados nos braços, na testa, na nuca, onde quer que fosse terreno de pele deixado a descoberto. E não parou nisso, comecei também a botar bolhas por todas essas partes. E essas não doíam, mas vazavam ao ponto de me enxarcar a camisa e fazer grude. Até eu tinha nojo.

Tentei andar coberto, camisas de mangas longas, lenços no pescoço. Fiquei parecendo uma freira – ou alguma mulher das estranjas, nem sei. Mas aí o calor me matava; eu não dava conta de andar daquele jeito pelo dia a fora. O jeito era ir ao médico. E fui.

Doutor Hermógenes me recebeu muito bem. Ele era especialista em doenças da pele e eu já fui direto nele, decidido a não perder tempo com intermediários. Ficou me examinando uma hora inteira, usou até uma lente para escarafunchar melhor, raspando aqui e ali com uma espécie de faquinha. Era um cara atencioso, de um tipo que é difícil se encontrar hoje em dia, principalmente entre os médicos. Pediu um tantão de exames, de sangue, de urina e até mesmo da farofinha que ele me recolheu na pele com sua raspadeira. Quando voltei uns dias depois, para ver o resultado de tudo, ainda pediu mais um monte de testes. Eu já estava quase desistindo daquilo. Mas na terceira vez que lá fui, me disse que tinha uma boa notícia: havia um diagnóstico. Mas que eu não me animasse muito, pois havia coisa ruim também: aquilo era uma doença sem cura.

- *Mas sossegue, meu rapaz, você pode controlar isso aí com bons cuidados com seu corpo.*

E assim me explicou tudo, tim-tim por tim-tim. Era tão complicado que eu nem sei contar direito, uma doença do sangue, mas não dessas que a gente pega quando leva uma má vida, ele me tranquilizou. Havia qualquer coisa errada com a minha *hemo-não-sei-o-quê*, que tinha uma química atrapalhada – foi o que entendi – na qual o ferro estava alterado. Eu nunca soube que dentro da gente tinha um metal assim, cruze! Aquilo era genético, me veio como herança de família. Miséria, pensei, nunca tive pai ou parente rico para deles herdar alguma coisa e me vem uma porqueira dessas. E mais, que aquilo me impedia de me expor ao sol e tudo o que se podia fazer era evitar isso, ao máximo. O nome da tal quizumba era *porfíria*. E foi assim que ele me botou o apelido de que falei antes.

Não gosto de apelidos, mas aquele doutor Hermógenes era tão gente boa que acabei aceitando aquilo. E quando eu ia visitá-lo, já na porta do consultório me chamava, alto, para todo mundo ouvir: *Porfírio Belizário de Albuquerque!* Eram meus sobrenomes verdadeiros – e eu bem que achava graça naquilo.

Mas tinha aquela coisa ruim que era passar o resto de minha vida coberto, como um monge – ou freira – penitente. Além de usar na pele, por obrigação, uma montoeira de cremes que iriam acabar fazendo de mim um tipo de rosca ou sonho de padaria. Mas me conformei, era o caso, de fato, de arranjar um jeito de mudar minha vida.

A primeira coisa que fiz foi desistir de ser fazendeiro. Como é que eu podia olhar gado no pasto e gente no eito sem poder sair ao sol? Tive sorte, sem que eu esperasse apareceu um sujeito que me comprava tudo, por um bom preço. Depois descobri que quem levou a melhor foi ele mesmo, ou a empresa em que ele trabalhava, porque aquelas terras estavam perto demais da cidade e iam fazer ali um desses condomínios para o povo endinheirado. Mas aí já era tarde e não me chateei demais, pois precisava ajeitar minha vida também. Comprei uma casa na cidade e fui viver minha sina de prisioneiro, ou de pessoa temente, vejam só, não a Deus, mas aos raios do sol.

Se eu insistia em sair de casa a irritação da pele e as bolhas só pioravam. Decidi me aquietar de vez. Mas sempre me dava a sapituca de querer sempre saber notícias do mundo lá fora. Foi então que apareceu o Ivo.

Ele, nos seus dezesseis ou dezessete anos, era meu vizinho de rua, sujeito curioso, sempre dava com ele me espiando por cima do muro, mesmo eu todo o tempo dentro de casa. Um dia perguntei: *quer trabalhar para mim?* Ele parecia já ter a resposta pronta. Antes que eu acabasse de perguntar já me veio com um *sim* de todo tamanho. Nem quis saber que tipo de tarefas eu tinha para ele. Aliás, nem eu sabia muito ao certo. Mas para

começar mandei ele ir até o doutor Hermógenes para ver se ele tinha alguma novidade em relação ao meu tratamento. Voltou meia hora depois:

*- O doutor disse que não tem nada de novo por enquanto. Mas parece que não era para o senhor o recado, falou de um tal de Porfírio.*

Agradei, rindo por dentro do engano. Mas o diabo do rapaz fez um acréscimo que me fez rir mais ainda:

*- Mas deixa eu lhe contar uma coisa, moço. Peguei ele fazendo uma coisa esquisita. Resolvi espiar pela janela e ele estava com uma mulher, a saia dela levantada até a cintura e ele espiava as pernas dela com uma lente deste tamanho...*

Expliquei para ele o que era um dermatologista e como este tipo de médico trabalhava. Mas o Ivo não pareceu botar muita fé em minha conversa. Deixei para lá. A tarefa seguinte foi mandá-lo ao mercado, com uma lista de compras. O diabo parecia ter asas nos pés, voltou menos de uma hora depois, com o pacote nos ombros e mais novidades.

*- O senhor sabia que estão vendendo carne de cavalo por lá? Vi também umas pelancas que para mim eram de algum cachorro morto. Pois é, estão vendendo...*

Deus do céu. Era o caso de se botar fé naquilo? Mas nos dias seguintes as novidades continuaram.

Mandei-o a Prefeitura, para pegar as guias de imposto da casa:

*- O Prefeito vendeu o prédio e se mudou da cidade. Levou o cofre e a mulher do vereador junto.*

Quando passou pela porta da Igreja:

*- O padre não está mais lá. Largou a batina e foi casar.*

No Fórum, para pegar uma certidão:

*- O senhor sabia que agora pode casar mulher com mulher e até homem com homem?*

E mais:

*- Dizem que vai vir uma chuvarada forte, com trovoada batida e uma ventania doida, com um tanto de areia pra cima de nós. Estão falando que é o caso de nós tudo se mudar daqui.*

Fiquei um pouco irritado com tanta imaginação. Evidentemente aquilo tudo só podia ser mentira. Mas para uma pessoa reclusa como eu, sem poder sair de casa, sem maior contato com o mundo, seria até divertido. Aí comecei a querer que ele me trouxesse qualquer coisa que acontecesse na cidade.

- *Um homem xingou um Santo lá na vila e então se abriu debaixo dele um buracão de todo tamanho e ele agora está lá pedindo pelo amor de Deus para tirarem ele.*

- *O 'Ebezener', dono da igreja dos crentes, botou fogo no salão lá deles e deu um tiro na cabeça em seguida.*

- *A mulher do motorista do ônibus da escola ficou com ciúme e cortou os documentos dele com uma faca. Tá presa agora.*

- *Dizem que lá na prainha agora pode nadar pelado. E tá cheio de gente para apreciar aquilo. E já deu até polícia lá para vigiar o povo.*

- *Tem um montão de gente chegando de um lugar que eles nomeiam de Valenzuela, parece que tá todo mundo com fome, querendo tomar as coisas da gente.*

Aquele ali, sem dúvida, sabia de coisas além da conta. Ouvia o galo cantar, mas não sabia aonde – e nem se era galo mesmo. E as novidades não paravam de chegar, em verdadeira enxurrada. Eu me divertindo.

Um dia:

- *Encontrei o Doutor Hermógis na rua e ele me disse que descobriram um remédio danado de bom para o senhor. Vai lhe curar.*

Seria bom se fosse verdade, mas eu já estava conformado, com aquela doença e com a companhia daquele patife. Além disso, não era questão de acreditar nas lorotas que aquele sujeitinho me trazia. Era diversão mesmo, deixei correr. Afinal, mais vale uma alegria de quando em vez do que uma vida atolada em seriedade bovina. Já me basta a falta que o bom sol me faz.

\*\*\*

## **Matéria médica**

*Oh cousas todas vãs, todas mudaves, qual é tal coração que em vós confia? Esta água que d'alto cai acordar-m'ia, do sono não, mas de cuidados graves. (Sã de Miranda)*

A verdade, acreditava ele, é que se formara em medicina sem ter certeza de ser esta sua vocação real. Tinha tudo para evitar tal opção, pois desde pequeno desmaiava quando via ou sentia o cheiro de sangue, até

mesmo de uma galinha sacrificada no terreiro de casa. Resolveu enfrentar o vestibular para mostrar à família do que que era capaz, depois de alguns anos de descuidada carreira como estudante. E chegou lá.

Agora, de volta da comemoração que os colegas organizaram para comemorar os cinquenta anos de formatura, à qual compareceu a contragosto, a bem dizer apenas para satisfazer a esposa, que acreditava estar ele deprimido e precisando de distração, tinha a sensação de que realmente deveria ter ficado em casa, e não se exposto ao ambiente que lhe parecia de falsa euforia, mal disfarçando a senectude de uns, associada ao fato de que muitos já haviam falecido, nem por isso sendo lembrados ali.

Ao longo de anos de carreira como médico clínico, sentia-se frustrado pela enorme dificuldade em fazer diagnósticos precisos ou produzir soluções reais para muitos dos pacientes que atendia, principalmente no ambiente público, mas também no consultório privado. O que ouvia de muitos deles eram queixas vagas, que muitas vezes não faziam sentido, com os exames que pedidos quase sempre absolutamente normais. Nada enfim, que se espelhasse nos livros de medicina que lera na faculdade ou mesmo com alguns pacientes com que convivera mais diretamente nos hospitais. Hospital, pensava ele, deveria um lugar onde realmente se poderia encontrar gente adoecida de fato, ou pelo menos onde seria possível exercer a arte dos diagnósticos, mas nem sempre era assim. Nos ambulatórios, todavia, era ainda pior, pois se ali havia de tudo, apenas uma pequena parcela com sintomas que levassem a alguma conclusão clínica precisa.

Sofreu com isso por muitos anos, acreditando que o melhor para ele seria a migração para outra área, radiologia, por exemplo, ou mesmo para fora da medicina. Sua vida médica era, assim, cheia de desgosto e frustração. Só muitos anos depois é que pôde entender que a grande questão que mobiliza pacientes, em toda parte, não era simplesmente a de ter males diagnosticáveis – e tratáveis, tudo se resumindo em sofrimento, seja derivado da pobreza, das relações familiares corrompidas, da falta de sentido da vida, coisa tão antiga quanto a própria humanidade. Aquele sofrimento era, por natureza, fluido, vago, impreciso, não quantificável e nem mesmo diagnosticável ou classificável em taxonomias. E o que é pior, muitos poucos profissionais, estando ele e a maioria dos seus colegas médicos entre eles, seriam capazes de dar conta de lidar com tal questão, nem para si próprios e muito menos em relação aos outros.

Olhava no espelho de sua formação médica e percebia que nela imperava algo como uma fórmula mágica, repassada geração após geração, que era repetida como um mantra desde os primeiros dias de faculdade: primeiro diagnosticar com precisão e só então tratar. Ele se indagava angustiado: como fazer acontecer tal exatidão diagnóstica?

Seria possível que todas as queixas e sintomas que as pessoas apresentavam teriam que ser realmente “tratadas” daquela forma tradicional que a faculdade lhe ensinara, incluindo sempre medicamentos, intervenções ou, na melhor das hipóteses, terapias mentais?

Desgostoso como estava lembrou-se da palavra “casuística”, tão apreciada pelos colegas sempre prontos a demonstrar sabedoria e, principalmente, exibir uma trajetória profissional marcada pela experiência, inflando o peito ao pronunciá-la. Para rebatê-los, quando ainda tinha paciência e energia para tanto, chegou até a fazer consultas em dicionários e tratados, constatando, por exemplo, que este é um termo que tem suas aplicações principais nos campos da ética, da religião e da teologia, o que o fez suspeitar que talvez os colegas estivessem usando o mesmo sem as devidas licenças. Seu mal humor piorou quando viu em um tratado de filosofia ser tal expressão algo comum a culturas e circunstâncias históricas diversas, manifestando-se na filosofia estoica e confuciana, no Talmud, nos comentários do Corão, na filosofia escolástica, na teologia católica. Nada a ver com o uso vulgar que davam a tal palavra. Chega de pesquisas, pensou na ocasião, o melhor seria aceitar isso apenas como um recurso usado por vaidosos e pretensiosos de diversas naturezas, entre os quais os colegas a quem ele desprezava.

A esta altura, sua implicância com a tal “casuística” médica se aprofundou ainda mais, ao obter por conta própria algumas noções de estatística e lógica, que lhe informaram que as possibilidades de generalizações a partir de dados isolados ou não controlados formalmente são fonte de enganos, muito mais do que de certezas. Ele havia trabalhado na Saúde Pública, em uma repartição onde lhe cabia organizar a coleta de informações sobre as doenças de notificação obrigatória legal, tarefa que ali ninguém havia realizado antes. De posse de tais dados, ainda muito precários e pouco valorizados pelos médicos em geral, organizou-os em gráficos e tabelas e foi mostrá-los a plateias de homens de branco nos hospitais, convidados explicitamente para isso. Estes aí, de maneira geral, o cumprimentavam e elogiavam, porém sem deixar de olhá-lo como se fosse um ser portador de ideias estranhas e pouco práticas. Na ocasião, ouviu alguém dizer que aqueles casos de difteria apontados em um gráfico não deveriam ser verdadeiros, pois “a casuística” de que dispunha indicava que tal doença havia desaparecido da cidade havia décadas. Teve que se calar, porque os dados eram pouco confiáveis mesmo, mas a palavrinha continuou a lhe provocar pruridos cócegas... Até que um dia ela surgiu de novo. Ele foi incumbido de explicar um novo calendário de vacina aos pediatras da cidade e então um deles lhe sapecou a pérola de que sua *casuística* lhe revelava que tal mudança no calendário de vacinas seria desnecessária. Foi assim que ficou irremediavelmente implicado com tal palavra e com o pedantismo dos profissionais também.

Considerou então que tudo que dispunha na sua vida de médico não era, definitivamente, uma “casuística”, em qualquer das conotações que tal termo possuía nos tratados e dicionários, ou mesmo aquela vulgarizada pelos médicos. O máximo que ele poderia ostentar seria uma “*causuística*”, formada apenas por vivências, reflexões, impressões, incertezas. Apenas *causos*, coisas que a vida lhe mostrou, ora com dor, ora com alguma nobreza, e que chegaram até ele, seja como criança, estudante, médico, ou homem que apenas observara o mundo, com a devida humildade.

E este era seu estado de espírito na modorra e tédio de um aeroporto lotado, na volta para casa, depois das tais festividades cinquentenárias. Um atraso de pelo menos duas horas no voo já tinha sido anunciado e a esposa, consumidora e curiosa voraz, já entrava e saía por quantas lojas houvesse no ambiente, deixando-o, felizmente, entregue a seus devaneios.

Pôs-se assim a refletir sobre seus feitos médicos, tentando enumerá-los, a partir da memória que ainda mantinha de alguns pacientes que lhe foram marcantes, embora no fundo desconfiasse que tais realizações fossem um tanto irrisórias. Eram apenas *causos* que ele assistira como expectador privilegiado, mas realmente duvidava se fora sempre capaz pelo menos de melhorar a existência das pessoas que precisaram dele, quem diria salvar vidas.

Lembrou-se, por exemplo, de certa mulher que um dia o procurara cheia de queixas, coisa que, aliás, deveria fazer parte do acervo de qualquer clínico. Ela era jovem e aparentemente portadora de uma vida bem estruturada, com marido, casa, filhos, emprego, conforto material. A cada dia ela aparecia com um sintoma novo e o visitava no ambulatório do serviço sindical em que atendia pelo menos uma vez por mês. Trazia exames sempre negativos. E falava de dores mutáveis, mal-estar impreciso, febres que não chegavam a ser registradas nos termômetros, desmaios, calafrios, tonteiras.

Um belo dia, o marido também apareceu na consulta, um homem corpulento, bem vestido, ao que parece pequeno empresário, confirmando a aparência de vida bem arrumada. Neste dia só ele falou. A mulher, tão loquaz habitualmente, não conseguiu proferir uma frase inteira. O marido, mesmo de forma cortês, a interrompia a cada meia dúzia de palavras para lhe passar sua própria versão das moléstias da esposa. E ela, conformando-se a ficar quieta em um canto.

Mas estas lembranças seriam dela mesmo, da mulher oprimida por um marido sem noção? Foram tantas pessoas assim que ele atendera...

Quando ao marido, não tinha dúvidas. Logo percebeu nele um tipo hiperativo, incapaz de um minuto de silêncio e disposto a preencher todo espaço vazio nas conversações, emitindo opiniões que abrangiam

não só o campo pessoal, mas também política, futebol, religião, vida social etc. Além do mais, absolutamente dominador em relação àquela pobre criatura que ele chamava de *esposinha*. Explicou a ele que realmente estava tendo dificuldade em encontrar um diagnóstico preciso para sua mulher, mas que ia continuar tentando.

Mas a vinda daquele homem lhe abriu portas para entender um pouco melhor a situação da paciente, ao perceber que, longe de ser uma solução, aquele marido era um problema para ela. Na saída, ele voltou um passo atrás, fechou a porta da salinha de atendimento, mantendo a esposa do lado de fora e pediu um minuto em particular com o médico, para enfim revelar seu drama, concentrando-se especialmente no total desinteresse que a esposa tinha, já há alguns anos, por qualquer atividade sexual, pelo menos que o envolvesse também. E então mostrou fotos do quarto do casal, que havia mandado reformar, de modo a incluir cama redonda, banheira de hidromassagem, TV na parede, teto e paredes espelhadas, luzes estrategicamente distribuídas e outros ingredientes de sensualidade e erotismo. Mas tudo em vão, lamentava o frustrado sátiro. Para piorar as coisas, a mulher agora simplesmente se recusava a dormir em tal aposento.

O doutor tentou confortá-lo e pediu paciência. Talvez fosse necessário dar um tempo para a coitada da esposa, mas ele mal lhe ouvia. Já de saída e meio em segredo pediu ao médico que tentasse convencer a mulher, em próxima consulta, a se utilizar das benesses que tal alcova lhe facultava.

A próxima consulta aconteceu daí a alguns dias, com a paciente desacompanhada. Ele tentou abordar a questão do sexo. A mulher nem lhe deixou falar. Falou das iniciativas do marido, mas que não entraria naquele quarto definitivamente, porque ele lhe era infiel, tinha muitas casos fora do casamento, inclusive com amigas dela e, além do mais, copiara aquele projeto de quarto de um motel que frequentava com as amantes. E foi a vez dela me pedir que o fizesse desistir da ideia de levá-la a tal aposento.

Mas como ele, apenas um médico, poderia solucionar algo assim? A solução não seria a de ela desistir de tal marido? Daria mais certo.

A esta altura, tinha dúvidas dos próprios acontecimentos que lhe vinham à mente. Aquele homem adúltero tinha o mesmo jeito de um paciente que um dia lhe prometera uma vaca de presente. E aquela mulher lhe lembrava, se é que não fosse a mesma, aquela que um dia o surpreendeu tirando toda a roupa, inclusive íntima, quando ele lhe pediu que apenas levantasse a blusa para que ele lhe auscultasse o coração.

Era assim com ele nos últimos tempos, suas lembranças começavam a se acumular e se sobrepor ou misturar umas às outras.

Outra das lembranças que lhe veio naquela na tarde modorrenta foi de Macrino. Ele vinha de algum lugar nos sertões do Norte do Estado, que na época eram os grandes armazéns fornecedores de doentes para o hospital da Faculdade. Que doença tinha o tal sujeito? Simplesmente todas! Seu coração era uma bola, embora jovem, já devastado possivelmente pelas insidiosas incursões do *barbeiro*. O esôfago lhe fazia às vezes de estômago, pela sua dilatação e relativa imobilidade. Como se não bastasse ainda tinha um sopro cardíaco provavelmente associado a uma doença reumática não tratada. Ah, sim, e só ia à privada à custa de lavagens. Tinha também uma anemia intratável. Com mais de dezoito anos, ou mais, seu corpo era ainda o de uma criança e desafiava a medicina com seu acúmulo de problemas e, principalmente, com a evolução tão grave dos mesmos.

O moço estava internado ali há muitos meses. Seu prontuário já não cabia naquelas pastas metálicas, com presilhas flexíveis, que eram típicas dos hospitais da época; ocupava mais de uma caixa daquelas normalmente usadas para arquivar papéis mortos. Rever seu prontuário já era coisa quase impossível. O que havia nas tais caixas de arquivo era uma maçaroca de papéis, sem qualquer ordem, seja cronológica ou simplesmente *lógica*.

Quando ele, ainda um jovem doutor, encontrou tal paciente, resolveu inovar e buscar outros medicamentos, fora do que era padronizado nos protocolos, utilizando as boas graças dos propagandistas de laboratórios. As tais drogas foram se sucedendo e se alternando, sem resultado, mais uma vez. Nisso, algumas das funções vitais de Macrino começavam a degradingolar, embora a regra médica de que é melhor explicar tudo com um único diagnóstico, nele fosse definitivamente subvertida.

Aos poucos, contudo, Macrino foi sendo incorporado à paisagem. Em conversa com o médico, ele, que era de pouquíssimas palavras, disse que não tinha nenhum interesse em voltar para casa. Vinha de uma família miserável que não tinha como cuidar dele e que ali no hospital estava melhor do que em sua casa, tendo comida, roupa lavada, amigos e até mesmo alguma valorização, como os pressurosos residentes bem ou mal lhe ofereciam. E assim o coitado foi ficando. Completou um ano de internação e possivelmente ficou ali muito mais, com escassas chances de sobrevivência, dono que era de um organismo tão comprometido. Depois, não teve mais notícias dele.

Em suma, pensava ele naquela tarde de espera, algumas doenças não têm tratamento mesmo, embora seja possível que a tecnologia moderna desse a Macrino uma vida mais confortável e mais longa, sem contudo lhe acrescentar a dignidade de que tanto carecia.

Mas de repete estacou. Aquele paciente era Macrino mesmo? Havia em suas lembranças outros pacientes igualmente pobres, igualmente roceiros, de diagnósticos também incertos. Um deles era exímio em tocar

sanfona e ficara internado por meses a fio. Mas na sua cabeça agora era impossível diferenciar aquele ali, de Macrino e de outros que lhe vinham à memória.

Lembrou-se também do senhor Joaquim, um homem de quase 80 anos, corpulento, jovial. Sua cabeça bem conformada e seus cabelos brancos o faziam parecido com Dorival Caymmi, não fazendo má figura como tal. Era um daqueles pacientes colaborativos, que acreditavam nos médicos, particularmente e tudo fazia para atender as recomendações deles, pois tudo que queria era pressa em receber alta logo e voltar a seus afazeres. O problema era o coração, que lhe batia sem pressa alguma, trinta e oito, no máximo quarenta vezes por minuto. Mais uma vez por obra e graça de um terrível protozoário caudado e seu agente contumaz, o inseto rajado.

A solução para ele era bem simples: um marca-passo. Mas ao mesmo tempo quase irrealizável naqueles tempos, com a população dividida entre os que tinham a “carteirinha” do INPS e os que não a possuíam. E Joaquim era do segundo grupo. Conseguir o tal aparelho era uma verdadeira façanha, que dependia da autorização de uma penca de burocratas. E assim a espera de Joaquim se arrastava, por meses a fio.

O paciente insistia, com doçura, que seu sonho era voltar logo para casa, reencontrar sua mulherzinha, tão jovem, rever seu burrinho, botar de novo sua carroça para andar e ganhar a vida com algum frete.

Mas aquela mulherzinha jovem não seria a mesma que o marido lhe trouxe um dia para que lhe fizesse um *traçado* da cabeça, pois que era nervosa e tinha crises de agitação e agressividade? Não com certeza aquela era outra. Ou lhe parecia ser. A cabeça embaralhava as lembranças e ele já não sabia mais quando ou quem foi aconteceu.

Espera aí... Joaquim não era o homem cujo nariz aparecera com um problema, que o deixara do tamanho de uma beringela? Não este era Antônio. A cabeça, de novo, era pura nebulosidade. Mas não lhe trazia desconforto tão grande, sendo apenas um modo de descanso na vida, pensava. Esquecer para descansar.

Ah, sim, seu Joaquim. Conversa vai, conversa vem, conseguiu-se a promessa de um fabricante de equipamentos que ele seria atendido em no máximo quarenta dias. Simples a solução, então: era dar alta e pedir que voltasse algumas semanas depois. Mas cabia dar a notícia ao homem cujo coração corria o risco de parar de bater. Se ele ficasse ansioso, ou de alguma forma com os nervos sob ataque, temia-se que aqueles trinta e tantos batimentos se reduzissem ainda mais. E coube a ele dar a notícia ao carroceiro, depois de muitos rodeios, que ele deveria ir para casa, para ser convocado depois, pelo Serviço Social, quando o precioso equipamento estivesse disponível. Joaquim sorriu amarelo, mas resignou-se. A frequência cardíaca manteve-se ritmada, abaixo dos quarenta batimentos regulamentares, mas sem quaisquer sintomas ou

sinais preocupantes. O médico lhe fez prescrições e recomendações, entre elas que não fizesse esforços e evitasse contratempos, se isso lhe fosse possível.

Duas ou três semanas depois da alta, Joaquim estava de volta, mais magro, um pouco abatido, com um enorme curativo na frente, tendo todo o crânio rodeado por uma faixa de atadura, na qual ainda havia manchas de sangue. E foi logo explicando o acontecimento: voltara para casa e chegando lá encontrou a mulherzinha nos braços de outro, que lhe havia também subtraído, para vender, aquele querido burro e a respectiva carroça. Ainda por cima lhe veio com ameaças. Ele correu atrás do Dom Juan com um porrete, mas o mesmo sacou de um revólver e atirou nele, tendo uma das balas lhe alcançado a cabeça. E ele ainda detalhou: *me entrou na parte da frente e saiu pela de trás, sem bulir com os miôlo.*

E ele viu como era vão o seu temor, de que ele tivesse uma parada cardíaca apenas com a má notícia de que seu marca-passo ainda demoraria mais algumas semanas para chegar. Mais uma surpresa da vida, que faz da ação dos médicos apenas uma, entre outras, das possibilidades de se ter sucesso na clínica.

A mulher seria a mesma da qual o marido lhe tinha solicitado um *traçado da cabeça*? Não havia como saber, a esta altura dos acontecimentos. Era melhor relaxar e deixar as ideias fluírem. Devia ter aproveitado da festa e checado com os colegas algumas coisas, mas certamente foi melhor ter deixado pra lá.

A história de Joaquim lhe trouxe Antônio, o homem do nariz de beringela de volta. Aquilo era um nariz enorme, inchado, vermelho, suculento. Seria um Cyrano de Bergerac, porém bem menos agradável. O apêndice, que parecia ter vida própria naquele rosto castigado, era como uma fruta ou legume maduro, mas isso não o isentava de se mostrar também repugnante, pois dele minava secreção copiosa e fétida. O pobre homem mal tinha quem se encorajasse a se aproximar dele, figurando um daqueles leprosos medievais. A história clínica sugeria uma infecção, quem sabe uma micose, agravada, talvez, pela visível higiene precária do personagem. Examina daqui, examina dali, colhe-se material, esperam-se resultados. E o tempo vai passando. Até que um dia o diagnóstico se fez sozinho. O pobre Antônio começa a eliminar pelas narinas uma legião de larvas de mosca de berne. A esta altura, a higiene local com água sanitária, além da aplicação de compressas de vaselina, que sufoca as tais larvas e as faz fugir, resolveram a questão em poucos dias. Inclusive a fedentina cedeu.

A história só não teve um final feliz porque Antônio era pobre, muito pobre, e vivia sozinho, quase abandonado. Seus hábitos higiênicos eram dignos de um vivente medieval, fosse servo ou senhor. E tendo recebido alta, voltou para sua vida de sempre. Toda essa história, entre o dramático e o escatológico, lhe veio à mente por mais uma vez fazê-lo

refletir sobre a compreensão entre o que é estar doente, na visão dos próprios pacientes, e a maneira distante e técnica como os veem os médicos, que apenas perseguem diagnósticos, para então aplicar tratamentos heroicos.

Diante de sua indagação a Antônio sobre como isso pôde ter lhe acontecido ao nariz, recebeu dele, um tanto acanhado, meio se desculpando: *pois é seu doutor, não sei não; é que às vezes a gente distrai do nariz.*

Isso lhe fez lembrar de uma frase famosa, que um professor da Faculdade gostava de repetir: *a medicina é a arte de distrair os pacientes enquanto a natureza trabalha.*

O caso da beringela trouxe-lhe de volta seu amigo Pedro, que a este tempo trabalhava junto com ele na mesma enfermaria e que tinha participado do atendimento daquele infeliz. Pedro tinha um filho com síndrome de Down e um dia lhe contou como ficou sabendo de tal infortúnio. Como estava de plantão em outra cidade quando a esposa entrou em trabalho de parto, só pôde estar com ela algumas horas depois, quando o bebê já tinha nascido. A recepção que teve por parte da encarregada do berçário foi chocante: *uai, pensei que o senhor era japonês, o bebê tem os olhos tão puxadinhos.* Ele lhe revelou isso uma certa vez, com os olhos inicialmente marejados, mas depois em estado de choro convulso. Ele só lhe fez abraçar, por falta absoluta de palavras de consolo.

Chamavam seu voo. A esposa já voltara, agora a apressá-lo como sempre, parecendo mais interessada em que ele lhe carregasse a mochila e as sacolas de compras, do que propriamente na sua companhia. Além do mais ele andava tão desligado que certamente não faria boa presença com ela. E assim seguiu para o embarque, cabisbaixo e ainda sufocado pelas lembranças que despertara em si mesmo. No meio das lembranças dos pacientes ainda lhe veio o drama de Pedro, para afundá-lo ainda mais em desconforto.

No avião, por sorte, não havia lugar ao lado da mulher, o que lhe trouxe certo alívio, pois assim poderia prosseguir naquela outra viagem íntima que já tinha iniciado na sala de espera. Acomodou-se e puxou a memória para resgatar o ponto onde parara. O drama de Pedro, o nariz de Antônio, as complicações múltiplas de Macrino... Onde fora mesmo? Na raiz de seu mal-estar talvez estivesse aquela festa sem pé nem cabeça, a falsa alegria senil à qual se vira obrigado a estar presente. Os colegas envelhecidos, calvos, de barrigas protusas, repetindo piadas desgastadas, aplicando verdadeiros murros uns nos outros à guisa de abraços, eram como uma mensagem aziaga, feita de falsidade e redundâncias. Realmente não devia ter vindo. Aqueles contatos íntimos e forçados só serviram para lhe despertar dores incubadas. E mesmo ali na poltrona do avião, tentando relaxar, ainda lhe incomodavam.

Aos setenta anos não havia muito o que fazer, senão suportar as dores físicas e psíquicas, tentando encontrar algum derivativo em leituras, trabalhos manuais, algo assim. Pensando nisso, lembrou-se da cirurgia de catarata que vinha adiando há anos, por puro medo de dar errado. Se pudesse voltar no tempo, teria estudado outra coisa, Jornalismo ou Letras, por exemplo. Já há algum tempo se dava conta que sua opção profissional foi construída em cima de equívocos sem conta. Foi fazer medicina por ter boas notas e ter se transformado em aluno competitivo, nada mais. Vocação legítima era coisa que certamente não contara para ele. As primeiras aulas na faculdade, ao lado de um cadáver que nem precisava estar ali, já lhe mostraram um caminho mal começado. Se pelo menos tivesse a seu alcance gente, na modalidade *viva...* Entretanto o que lhe davam era um cadáver; depois cortes em lâminas de vidro; mais adiante, sapos, cães, tubos de ensaio e cálices com sangue e secreções diversas. Quando finalmente chegou a hora do encontro sonhado, vieram radiografias, papéis, debates, corridas de leito totalmente impessoais, com tediosas intermediações de luminares vaidosos.

*Tal foi a minha vida de médico*, pensava. O que realmente pudera fazer de bom e útil para os outros? O que a faculdade lhe trouxe de especial para, em termos humanos, não sendo capaz nem mesmo de lhe ter ensinado a dar notícias ruins ou consolar quem fosse alvo delas? Que medicina era aquela, que celebrava os casos raros e se esquecia do que era corriqueiro? De onde vinha tanta certeza e conformismo que aceitava manter uma pessoa internada durante meses apenas para satisfazer uma compulsão especulativa de especialistas? Para que tipo de pessoas e de país se ensinava aquela medicina elitista? Por que especular quase tudo sobre as doenças, mas muito pouco sobre as pessoas que as portavam? Por que não lhe ensinaram o valor, por exemplo, de indagar dos desejos e projetos dos pacientes, e não apenas de suas dores e sinais patológicos ou hereditários? Sim, porque um indivíduo não significa apenas um pacote de vísceras, sangue e ossos, mas o resultado de um vasto conjunto de relações com o mundo dos outros indivíduos e da natureza, quem sabe com ramificações cósmicas. A sexualidade das pessoas e suas variantes não deveria também fazer parte do que se ensinava na faculdade, longe de ser tratado como assunto obscuro ou imoral? O que realmente passava pela cabeça de certos professores – e talvez da maioria dos estudantes – que medicina, cultura, questões sociais e política são coisas que devem continuar separadas, longe das preocupações dos praticantes da saúde?

Quantos equívocos...

Embalado pelo ronronar macio do motor a jato adormeceu, como quem foge de *cuidados graves*.

\*\*\*

*O sol é grande, caem co'a calma as aves,  
do tempo em tal sazão, que sói ser fria;  
esta água que d'alto cai acordar-m'ia  
do sono não, mas de cuidados graves.*

*Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,  
qual é tal coração qu'em vós confia?  
Passam os tempos vai dia trás dia,  
incertos muito mais que ao vento as naves.*

*Eu vira já aqui sombras, vira flores,  
vi tantas águas, vi tanta verdura,  
as aves todas cantavam d'amores.*

*Tudo é seco e mudo; e, de mestura,  
também mudando-m'eu fiz doutras cores:  
e tudo o mais renova, isto é sem cura!*